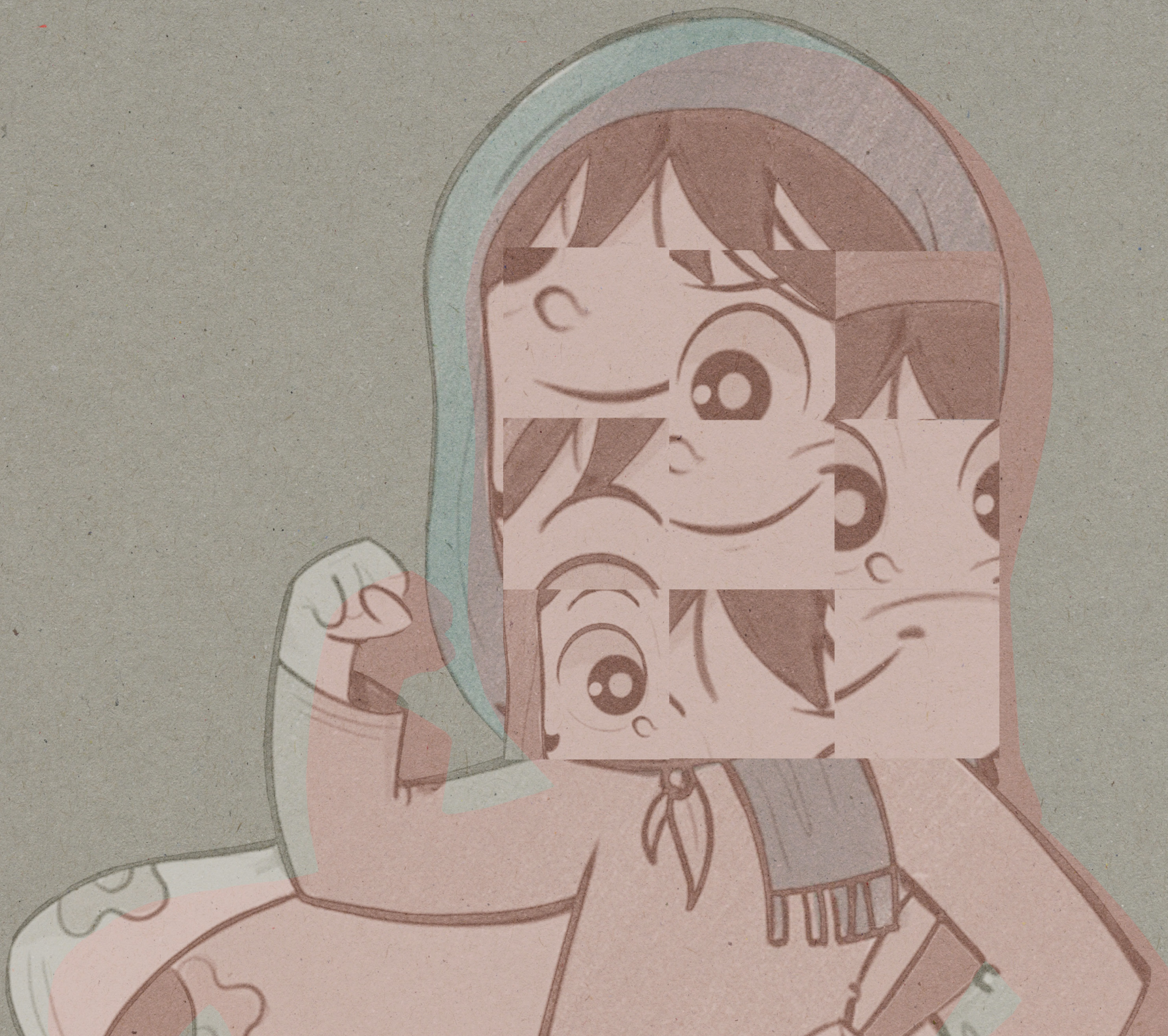


A OUTRA FACE DO LOVE

A história de uma garota afegã

Deborah Ellis



A outra face

História de uma garota Afegã

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição original.

A outra face

História de uma garota Afegã

Título original: The Breadwinner

Título da edição brasileira: A outra face - A história de uma garota Afegã

Copyright 2000 by Deborah Ellis

Projeto Editorial: **A criação de uma nova experiência literária entre o meio físico e o digital.**

Este trabalho foi inteiramente produzido em ambiente acadêmico, tendo como objetivo ser um exercício didático e de Conclusão de Curso, deste modo seu intuito não é voltado à comercialização.

Autora	Deborah Ellis
Designer Editorial	Anaisa Santos Ferreira
Orientadora	Cristiane Alcântara
Ilustrador	Sérgio Perini

— Explore!

- Lembre-se de explorar e seguir o ritmo do livro. Use o mouse ou a ponta do seus dedos. Toque. Essa é uma experiência em construção e sua curiosidade é fundamental.

COLEÇÃO GRANDES FATOS

Contextualizando a história

Afgānistān | Afeganistão



Afgānistān | Afeganistão

1979 | Histórico



Desde muito tempo o país tem sido objeto de invasões e conquistas já que, sua localização geográfica se encontra em um ponto estratégico para as relações comerciais e é uma área estratégica para estabelecer domínio na Ásia Central.

Em 1979, os soviéticos invadiram o Afeganistão e consolidaram no poder *Babrak Karmal*, adotando *o sistema comunista*. A dominação soviética ocorreu durante dez anos, e só chegou ao fim quando o grupo fundamentalista sunita, denominado **Talibã** (plural de talib, que significa estudante) , tomou o poder no país entre os anos de 1996 e 1998 e passou a governar a partir de uma visão da *Lei Islâmica*.



Século
VII

A partir do século VII, os árabes introduziram a religião islâmica no Afeganistão.

Os muçulmanos são os indivíduos que aderiram ao Islamismo, religião monoteísta fundada pelo profeta árabe Maomé. O Alcorão é o livro sagrado do Islã, texto considerado pelos seus seguidores como a palavra literal de Deus (Alá, em árabe) .

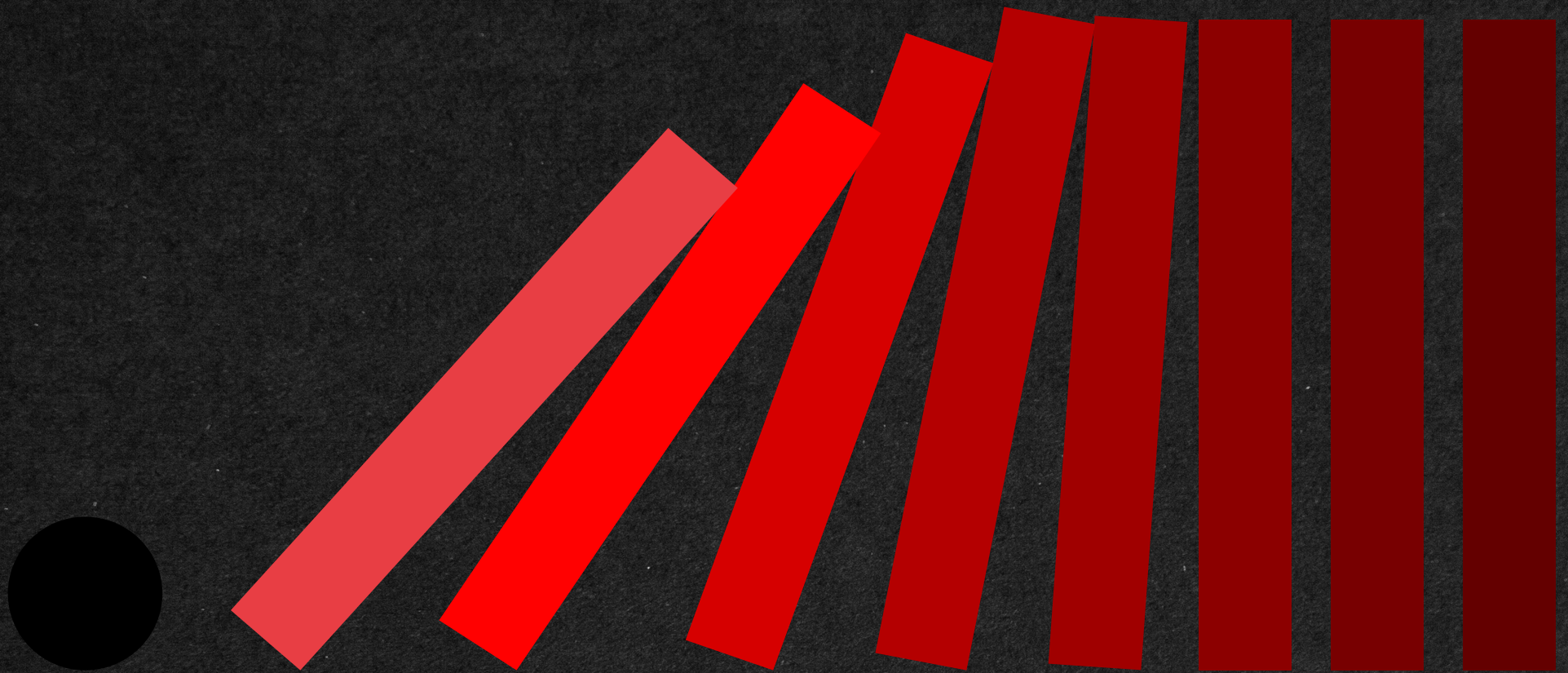
Ver mais: [Terrorismo X Islamismo](#)





Feminismo | (Des)construção

No Afeganistão moderno, meados dos anos 60 até ao final dos anos 90 antes dos Talibãs governarem, as mulheres eram livres. O estilo de vida se parecia com o estilo ocidental, sem restrições de vestimentas ou acompanhantes. E era comum ver estudantes do sexo feminino nas instituições de ensino afegãs.



O domínio Talibã justifica a violência contra a mulher por meio da religião. Durante esse período, as mulheres foram prisioneiras domiciliares. Além de forçadas a ficarem em casa, deveriam pintar as janelas de preto para que ninguém pudesse ver de dentro pra fora e vice-versa.

Neste contexto, percebemos como houve a construção e a desconstrução do feminino no país. Mesmo que fossem invisíveis perante a sociedade machista que as oprime e agride, as mulheres ainda demonstram sua força para lutar e tentar viver fora dos padrões impostos visando a construção de uma sociedade que ofereça o mínimo de condições entre os dois gêneros.

01.

— *Eu consigo ler essa carta tão bem quanto meu pai* —
Parvana sussurrou por entre as dobras de seu **xador**.
— *Quer dizer, quase tão bem.*



Ela não ousava dizer isso em voz alta. O homem sentado ao lado de seu pai não ia querer ouvir sua voz. Nem ele nem ninguém no **mercado de Cabul**. Parvana estava lá só para ajudar o pai a andar até o mercado e voltar para casa depois do trabalho. Ficava sentada mais atrás, sobre o cobertor, com a cabeça e a maior parte do rosto cobertos pelo **xador**.

Na verdade, não deveria nem estar na rua. Os **talibãs** tinham ordenado que todas as meninas e mulheres no Afeganistão ficassem dentro de casa. Eles até proibiram as meninas de ir à escola. Parvana teve que abandonar sua classe de sexta série, e sua irmã Nooria também não pôde continuar os estudos. A mãe tinha sido demitida do emprego de redatora numa estação de rádio de Cabul. Já fazia mais de um ano que eles todos estavam vivendo confinados em um quarto, junto com Maryam, de cinco anos, e Ali, de dois.

Quase todos os dias, Parvana saía por algumas horas para ajudar seu pai a andar. Ela gostava muito de estar fora de casa, mesmo que fosse para ficar horas sentada num cobertor estendido no chão duro do mercado. Pelo menos tinha alguma coisa para fazer. Já estava até acostumada a controlar a língua e esconder o rosto.

Para uma menina de onze anos, Parvana era bem pequena. Por isso, em geral conseguia passar despercebida e ficar na rua sem ser questionada.

— Preciso desta menina para me ajudar a andar — dizia seu pai, apontando a própria perna, aos talibãs que por acaso perguntassem.

Ele havia perdido a parte inferior da perna quando a escola onde dava aulas foi bombardeada. E, de alguma forma, ele também tinha se ferido por dentro. Estava sempre cansado.

— Eu não tenho filho homem em casa; o que tenho é apenas um bebê — ele explicava.

Parvana encolhia-se no cobertor para parecer ainda menor. Tinha medo de olhar para os soldados. Já vira o que eles faziam, principalmente com as mulheres, e como chicoteavam e batiam em quem achassem que devia ser punido.

Sentada naquele mercado dia após dia, Parvana via muita coisa. Mas quando os talibãs apareciam por ali, o que ela mais queria era ficar invisível.

Um freguês pediu a seu pai que lesse a carta mais uma vez:

— Leia devagar para eu me lembrar bem e depois poder contar à minha família.

Parvana adoraria receber uma carta. A entrega de correspondências tinha voltado a funcionar no Afeganistão, depois de anos de interrupção por causa da guerra. Muitos de seus amigos tinham fugido do país com suas famílias. Ela imaginava que estivessem no Paquistão. Mas, como não tinha certeza, não podia escrever para eles. Sua própria família já tinha se mudado tantas vezes por causa dos bombardeios que ninguém mais saberia onde encontrá-los.

—*Os afegãos estão espalhados sobre a terra assim como as estrelas no céu*
— seu pai costumava dizer.

Ele acabou de ler a carta pela segunda vez, o freguês agradeceu-lhe e pagou:

— *Vou procurar o senhor quando tiver de responder.*

A maioria dos afegãos não sabia ler nem escrever. Parvana era uma das poucas que tinham essa sorte. Seus pais tinham frequentado a universidade e acreditavam na educação para todos, até para as meninas. Durante toda a tarde, os fregueses chegavam e partiam. A maioria falava **dari**, a língua que Parvana conhecia melhor. Se alguém falasse **pashtu**, ela conseguia entender a maior parte, mas não tudo. Seus pais também sabiam falar inglês. O pai tinha cursado faculdade na Inglaterra. Isso tinha sido havia muito tempo.

O mercado era muito movimentado. Os homens faziam compras para a família, e vendedores ambulantes anunciavam suas mercadorias e serviços. Alguns, como a loja de chá, tinham barracas. Uma chaleira tão grande e tantas bandejas com xícaras tinham que ficar num lugar fixo. Os meninos percorriam o labirinto do mercado, levando chá para os que não podiam sair de suas barracas, e depois voltavam correndo com as xícaras vazias.

— *Eu poderia fazer isso.* - murmurou Parvana.

Ela gostaria de poder correr pelo mercado e conhecer as ruelas tortuosas tão bem quanto conhecia as quatro paredes de sua casa. O pai voltou-se para ela.

—E eu gostari a de ver você correndo no páti o de uma escola.

E logo em seguida voltou a gritar aos transeuntes:

*— Escrevo qualquer coisa! Leio qualquer coisa! **Pashtu** e **Dari**! Tenho coisas lindas para vender!*

Parvana franziu a testa. Não tinha culpa de não estar na escola! Também preferiria estar lá, em vez de ficar sentada naquele cobertor desconfortável, com as costas e o bumbum doloridos. Tinha saudade dos amigos, do uniforme escolar azul e branco e de fazer coisas novas todos os dias.

História era a sua matéria preferida, principalmente a história do Afeganistão. O mundo todo tinha vindo ao Afeganistão. Os persas vieram há quatro mil anos. Depois, Alexandre, o Grande, os gregos, os árabes, os turcos, os ingleses e, por fim, os soviéticos. Um dos conquistadores, *Tamerlão de Samarcanda*, cortava a cabeça dos inimigos e formava imensas pilhas delas, como se fossem melões numa barraca de frutas. Toda essa gente tinha vindo ao lindo país de Parvana para tentar dominá-lo, mas os afegãos expulsaram todo mundo!

Agora o país era governado pela milícia **talibã**. Eram afegãos, e sabiam muito bem como queriam que as coisas funcionassem. Quando eles assumiram o controle de Cabul, a capital, e proibiram as meninas de ir à escola, Parvana nem ficou tão infeliz. Nesse dia, tinha uma prova de aritmética para a qual não havia estudado e acabou levando uma bronca por conversar na sala de aula. A professora ia mandar um bilhete para a sua mãe, mas os talibãs chegaram primeiro e tomaram o poder.

—Por que você está chorando? — Parvana perguntou a Nooria, que estava aos prantos.

— Eu acho ótimo ter uma folga da escola!

Parvana estava certa de que os talibãs as deixariam voltar à escola em poucos dias. Até lá, a professora nem se lembraria mais de mandar o bilhete para sua mãe.

—Você é mesmo uma idiota! — gritou Nooria.

- Me deixa
em paz

Uma das dificuldades de viver com a família inteira dentro de um quarto é que nunca se pode ficar realmente sozinho. Para onde quer que Nooria fosse, lá estava Parvana. E para onde quer que Parvana fosse, lá estava Nooria. Tanto o pai quanto a mãe de Parvana eram de respeitadas famílias afegãs. Como tiveram acesso a boa educação, chegaram a ter bons salários. Viviam numa casa grande com pátio, tinham dois empregados, televisão, geladeira e carro. Nooria tinha seu próprio quarto. Parvana dividia um quarto com a irmã menor, Maryam, que falava pelos cotovelos, mas achava Parvana o máximo. Era muito bom ficar longe de Nooria de vez em quando.

Essa casa foi destruída por uma bomba. Mudaram-se diversas vezes desde então. Cada vez para um lugar menor. E sempre que a casa era bombardeada, eles perdiam mais coisas. A cada bomba, ficavam mais pobres. Por fim, acabaram morando todos juntos num quartinho.

O Afeganistão estava em guerra havia mais de vinte anos, o dobro do tempo de vida de Parvana. Primeiro, foram os soviéticos que invadiram o país com seus grandes tanques e aviões de guerra que jogavam bombas nas aldeias e nos campos. Parvana nasceu um mês antes de eles começarem a sair do país.

*—Você era um bebê tão feio que nem os **soviéticos** aguentaram ficar no mesmo país que você. — gostava de dizer Nooria. — Eles fugiram horrorizados, o mais rápido que podiam com seus tanques!*

Depois que os soviéticos foram embora, as pessoas que estavam atirando neles não quiseram parar de atirar. Então começaram a atirar uns nos outros. Muitas bombas caíram em Cabul nesta época. E muita gente morreu.

Parvana conviveu com bombas durante toda sua vida. Todos os dias e todas as noites caíam foguetes do céu e a casa de alguém explodia.

Quando as bombas caíam, as pessoas corriam. Primeiro, corriam para um lado, depois para o outro, procurando algum lugar onde as bombas não as encontrassem. Quando pequena, Parvana era carregada no colo. Depois que cresceu, passou a correr com as próprias pernas.

A maior parte do país era controlada pelos **talibãs**. A palavra “talibã” significa religioso erudito, mas Parvana aprendera com seu pai que a religião ensinava as pessoas a ser mais humanas, mais gentis.

— Os talibãs não estão fazendo do Afeganistão um lugar melhor para se viver! — ele dizia.

Ainda caíam bombas em Cabul, mas já não eram tantas quanto antes. A guerra continuava no norte do país, e era lá que a maior parte das mortes acontecia.

Depois de atender mais alguns fregueses, o pai de Parvana decidiu encerrar os trabalhos do dia. Parvana levantou-se de um salto, mas caiu em seguida. Seu pé estava dormente. Ela o esfregou, tentou novamente e desta vez conseguiu se levantar.

Primeiro, eles juntaram os pequenos objetos que estavam tentando vender: pratos, fronhas, enfeites para a casa, coisas que tinham resistido aos bombardeios. Como muitos afegãos, eles também vendiam o que pudessem. A mãe e Nooria checavam regularmente o que havia sobrado dos pertences da família para ver o que podia ser dispensado. Eram tantos vendendo suas tralhas em Cabul que Parvana achava incrível ainda ter sobrado gente para comprá-las.

O pai guardou as canetas e o papel de carta na bolsa a tiracolo. Apoiando-se na bengala e segurando o braço de Parvana, ele conseguiu se levantar. Ela sacudiu a poeira do cobertor, dobrou-o e os dois tomaram o caminho de casa.

Por curtas distâncias seu pai conseguia andar com apenas a ajuda da bengala. Para distâncias maiores, precisava de Parvana para se apoiar.

—*Você tem a altura exata* - ele dizia.

—*E como vai ser quando eu crescer?*

—*Vou ter que crescer também!*

Seu pai tinha uma perna postiça, mas teve que vendê-la. Ele não queria fazer isso. Pernas postiças são feitas sob medida, é difícil caber em outra pessoa. Mas quando um freguês viu aquela perna sobre o cobertor, não quis saber de outra coisa. Insistiu tanto, e ofereceu um preço tão bom por ela, que não houve como recusar.

Havia muitas pernas postiças à venda no mercado. Desde que os talibãs decretaram que as mulheres tinham que ficar dentro de casa, muitos maridos pegavam a perna postiça da mulher para vender.

—*Se você não vai a lugar nenhum mesmo, para que preci sa dessa perna?*
— perguntavam.

Havia muitos prédios destruídos por bomba por toda Cabul. Bairros inteiros tinham virado montanhas de terra e entulho. **Cabul já tinha sido uma cidade muito bonita.** Nooria se lembrava das **calçadas intactas, dos semáforos que mudavam de cor, dos passeios noturnos a restaurantes e cinemas, das compras de roupas e livros em lojas finas.**

Parvana já conhecera a cidade em ruínas. Para ela era difícil imaginá-la de outra maneira. Era doloroso ouvir as histórias da Cabul anterior aos bombardeios. Ela procurava não pensar nas coisas que as bombas tinham destruído, como a saúde de seu pai ou sua linda casa. Isso a deixava com raiva. Mas como não havia nada que pudesse fazer, ficava triste.

Ela e o pai afastaram-se do mercado movimentado e tomaram uma rua lateral em direção ao prédio onde moravam. Parvana guiava-o cuidadosamente por entre os buracos e as rachaduras nas calçadas.

— *Como as mulheres conseguem andar por estas ruas usando **burcas**?* —
ela perguntou. - *Como conseguem enxergar onde pi sam?*

— *Elas caem muito* — respondeu o pai.

Ele tinha razão. Parvana já tinha visto mulheres caindo. A menina olhou para a montanha que se erguia majestosa no fim da rua.

O pai guardou as canetas e o papel de carta na bolsa a tiracolo. Apoiando-se na bengala e segurando o braço de Parvana, ele conseguiu se levantar. Ela sacudiu a poeira do cobertor, dobrou-o e os dois tomaram o caminho de casa.

Por curtas distâncias seu pai conseguia andar com apenas a ajuda da bengala. Para distâncias maiores, precisava de Parvana para se apoiar.

—*Você tem a altura exata* - ele dizia.

—*E como vai ser quando eu crescer?*

—*Vou ter que crescer também!*

Seu pai tinha uma perna postiça, mas teve que vendê-la. Ele não queria fazer isso. Pernas postiças são feitas sob medida, é difícil caber em outra pessoa. Mas quando um freguês viu aquela perna sobre o cobertor, não quis saber de outra coisa. Insistiu tanto, e ofereceu um preço tão bom por ela, que não houve como recusar.

Havia muitas pernas postiças à venda no mercado. Desde que os **talibãs** decretaram que as mulheres tinham que ficar dentro de casa, muitos maridos pegavam a perna postiça da mulher para vender.

—*Se você não vai a lugar nenhum mesmo, para que precisa dessa perna?*

— perguntavam.

Havia muitos prédios destruídos por bomba por toda Cabul. Bairros inteiros tinham virado montanhas de terra e entulho. Cabul já tinha sido *uma cidade muito bonita*. Nooria se lembrava das *calçadas intactas, dos semáforos que mudavam de cor, dos passeios noturnos a restaurantes e cinemas, das compras de roupas e livros em lojas finas.*

Parvana já conhecera a cidade em ruínas. Para ela era difícil imaginá-la de outra maneira. Era doloroso ouvir as histórias da Cabul anterior aos bombardeios. Ela procurava não pensar nas coisas que as bombas tinham destruído, como a saúde de seu pai ou sua linda casa. Isso a deixava com raiva. Mas como não havia nada que pudesse fazer, ficava triste.

Ela e o pai afastaram-se do mercado movimentado e tomaram uma rua lateral em direção ao prédio onde moravam. Parvana guiava-o cuidadosamente por entre os buracos e as rachaduras nas calçadas.

— *Como as mulheres conseguem andar por estas ruas usando **burcas?*** — ela perguntou. - *Como conseguem enxergar onde pisam?*

— *Elas caem muito* — respondeu o pai.

Ele tinha razão. Parvana já tinha visto mulheres caindo. A menina olhou para a montanha que se erguia majestosa no fim da rua.

—*Como se chama aquela montanha?* — perguntou uma vez ao pai, logo que eles se mudaram para o novo bairro.

—*Esse é o monte Parvana.*

—*Não é, não* — disse Nooria, implicante.

—*Você não deve mentir para a menina* — disse a mãe.

A família costumava passear pelas ruas, antes dos talibãs. A mãe e Nooria usavam lenços finos nos cabelos. E recebiam no rosto os raios de sol de Cabul.

— *São as pessoas que dão nome às montanhas* — disse o pai. — *Eu sou uma pessoa e chamarei aquela montanha de monte Parvana.*



A mãe desistiu e começou a rir. O pai também riu, assim como Parvana e o bebê Maryam, que nem sabia por que estava rindo. Até a rabugenta Nooria juntou-se a eles. A risada da família escalou o monte Parvana e desceu novamente para a rua.

Agora Parvana e seu pai começaram a subir lentamente os degraus do prédio. Eles moravam no terceiro andar. O edifício tinha sido atingido por um míssil e metade dele estava em ruínas. A escada subia em ziguezague pelo lado de fora do prédio. Alguns trechos, atingidos pela bomba, estavam muito danificados. Sobrou pouco do corrimão.

—*Não confie nesse corrimão!* — seu pai sempre lhe dizia.

Para ele, era mais fácil subir do que descer, e mesmo assim levava muito tempo. Por fim chegaram à porta do quarto e entraram.

02.

A mãe e Nooria estavam outra vez às voltas com a limpeza. O pai beijou Ali e Maryam, foi ao banheiro lavar a poeira dos pés, do rosto e das mãos, depois esticou-se num **toshak** para descansar.

Parvana deixou as trouxas no chão e começou a tirar o **xador**.

—Preci samos de água — disse Nooria.

—Posso me sentar um pouquinho? — Parvana perguntou à mãe.

—Você vai descansar melhor depois que o trabalho estiver terminado. Vá logo. O tanque d' água está quase vazio.

Parvana resmungou. Se o tanque estava quase vazio, teria que fazer umas cinco viagens até a bica. Na verdade, seis, porque sua mãe não gostava que o balde ficasse vazio.

—Se você tivesse ido buscar ontem, na hora que a mamãe pediu, agora não teria esse trabalho — disse Nooria, quando Parvana passou por ela para pegar o balde.

Nooria deu aquele sorriso superior de irmã mais velha e jogou o cabelo para trás. Parvana teve vontade de dar um chute nela.

O cabelo de Nooria era lindo, comprido e cheio. O de Parvana era fino e parecia de barbante. Ela queria ter um cabelo parecido com o da irmã, e Nooria sabia disso.

Parvana saiu resmungando pela escada e por todo o quarteirão, até chegar à bica mais próxima. A viagem de volta, com o balde cheio, era o pior de tudo. Mas a raiva que sentia da irmã lhe dava energia para ir em frente, então ela seguia resmungando.

—Noori nunca vai buscar água, nem mamãe. Maryam também nunca vai. Ela nunca faz nada!

Parvana sabia que estava falando bobagem, mas mesmo assim não parou. Māryam tinha só cinco anos e mal conseguia descer carregando um balde vazio. Quanto mais subir com um cheio... A mãe e Nooria tinham que usar **burca** para sair de casa e com essa roupa não dava para subir uma escada cheia de degraus quebrados carregando um balde d'água. Além do mais, era perigoso para as mulheres sair sem a companhia de um homem.

Finalmente, o tanque e o balde estavam cheios, e Parvana podia tirar as sandálias, pendurar o xador e descansar. Ela sentou-se no chão ao lado de Māryam e ficou olhando a irmãzinha desenhar.

—Você tem mui to talento, Māryam. Um di a, vai vender seus desenhos por um monte de dinheiro. Vamos ficar mui to ri cos e morar num paláci o, e você vai usar vestidos de seda azul.

— Seda verde — disse Māryam.

— Seda verde — concordou Parvana.

—Em vez de ficar aí sentada, você bem que podi a nos ajudar aqui.

A mãe e Nooria estavam outra vez limpando o guarda-louças.

—Mas vocês li mparam esse armári o há três di as!

—Vai nos aj udar ou não?

Não, pensou Parvana. Mas se levantou. A mãe e Nooria estavam sempre limpando alguma coisa. Como não podiam trabalhar nem ir à escola, não tinham muita coisa para fazer.

— Os talibãs di sseram que nós temos de ficar dentro de casa, mas i sso não si gni fica que vamos vi ver no mei o da suj ei-ra mãe costumava dizer.

Parvana achava um exagero tanta limpeza. Gastava toda a água que ela trazia com tanto esforço. Pior que isso, só quando Nooria lavava o cabelo.

Parvana olhou em volta do quartinho apertado. Toda a mobília de que ela se lembrava, das outras casas, fora destruída por bombas ou roubada por saqueadores. A única coisa que tinham agora era um armário alto de madeira, um guarda-louças que já estava ali quando alugaram o quarto. Dentro dele estavam os poucos pertences que conseguiram salvar. Dois **toshaks** encostados nas paredes completavam toda a mobília que possuí am. Antigamente, tinham lindos tapetes af egãos. Parvana lembrava-se de ficar percorrendo com os dedos o traçado daqueles desenhos intrincados, quando era menor. Agora, havia apenas uma esteira barata sobre o piso de cimento.

Com dez passos num sentido e doze no outro ela conseguia atravessar o quarto. Uma de suas tarefas era varrer a esteira com uma vassourinha de gravetos. Parvana conhecia cada centímetro dessa esteira.

No fundo do cômodo ficava o lavatório. Era muito pequeno, com uma privada de plataforma - muito diferente do moderno vaso sanitário ocidental que tinham antes! O fogareiro a gás ficava lá dentro, porque havia um pequeno orifício de ventilação no alto da parede. O tanque também ficava lá - um barril de metal onde cabiam cinco baldes d'água - com a bacia de lavar ao lado.

Havia outros moradores na parte do edifício que ainda restava de pé. Parvana os via quando ia buscar água ou ao sair com o pai para o mercado.

— *Devemos manter distância de todos* — dizia-lhe o pai. — Os **talibãs** *incentivam as pessoas a espiarem os vizinhos. É mais seguro ficarmos afastados.*

Podia ser mais seguro, pensava Parvana, mas também era solitário. Talvez houvesse alguma outra menina da sua idade bem pertinho, mas ela jamais descobriria. O pai tinha seus livros, Maryam brincava com Ali, Nooria tinha a mãe, mas Parvana não tinha ninguém.

A mãe e Nooria já tinham limpado as prateleiras do armário. Agora estavam colocando as coisas no lugar.

— *Tome estas coisas para seu pai vender no mercado. Ponha tudo perto da porta* — ordenou a mãe.

Um tecido vermelho vibrante atraiu o olhar de Parvana.

— *Meu **shalwar kameez** preferido! Não podemos vender isso!*

— *Quem decide o que vamos vender sou eu, e não você. Não vai mais precisar disto, a não ser que esteja planejando ir a uma festa e esqueceu de me contar.*

Parvana sabia que não adiantava discutir. Desde que a mãe havia sido forçada a sair do emprego, sua paciência era cada vez menor.

Quando Parvana pôs a roupa junto aos outros itens, perto da porta, ela passou os dedos pelo bordado requintado. Tinha sido um presente de **Eid** de uma tia que morava em **Mazar-i-Sharif**, cidade ao norte do Afeganistão. Tomara que a tia ficasse zangada com a mãe por tê-lo vendido!

— *Por que não vendemos também as roupas boas da Nooria? Ela também não vai a lugar nenhum.*

— *Ela vai precisar delas quando se casar.*

Nooria fez cara de superior para Parvana. Como um insulto extra, ainda meneou a cabeça para balançar os longos cabelos.

— *Coi tado de quem se casar com você* — disse Parvana. — *Vai ter uma esposa chata e esnobe.*

— *Já chega* — disse a mãe.

Parvana estava furiosa. A mãe sempre defendia Nooria. Parvana odiava Nooria e odiaria também a mãe, se ela não fosse sua mãe.

Mas a raiva desapareceu quando viu a mãe pegar uma pilha de roupas de Hossein e guardar na prateleira alta do armário. Ela ficava muito triste quando via as roupas de Hossein.

Nooria não era a mais velha dos filhos, e sim Hossein. Ele foi morto por uma **mina terrestre** aos catorze anos. O pai e a mãe nunca falavam nele. Era uma lembrança dolorosa demais. Nooria contara a Parvana sobre o irmão em uma das raras ocasiões em que as duas conversaram.

— Não banque a princesinha — ele dizia. — Um pouco de futebol vai lhe fazer bem!

Às vezes, Nooria dizia, ela cedia e jogava, e Hossein chutava a bola de modo que ela conseguisse pará-la e chutar de volta.

—Ele costumava pegar você no colo e brincar com você — Nooria contou.

—Pareci a gostar mesmo de você. Imagine só!

Pelo que Nooria contava, Parvana também teria gostado muito de Hossein. Vendo a dor estampada no rosto da mãe, Parvana deixou a raiva de lado e, em silêncio, foi preparar o jantar.

A família comia no estilo afegão, sentada em torno de uma lona estendida no piso. A comida animou todo mundo, e a família continuou reunida depois da refeição.

Parvana sabia que em algum momento haveria um sinal secreto entre a mãe e Nooria, e as duas se levantariam ao mesmo tempo e começariam a arrumar tudo. Parvana não tinha ideia de como elas faziam isso. Ficava prestando atenção para tentar identificar o sinal, mas nunca conseguia.

O pequeno Ali cochilava no colo da mãe com um pedaço de **nan** em sua mãozinha. Quando percebia que estava quase dormindo, tentava acordar, como se a ideia de perder algo que estava acontecendo fosse algo terrível. Ele tentava se levantar, mas a mãe o segurava com firmeza. Depois de se debater um pouquinho, desistia e cochilava de novo.

O pai, mais descansado após o cochilo, trocou de roupa e vestiu seu **shalwar kameez** branco. A barba comprida estava bem penteada. Parvana achou-o muito elegante.

Quando os **talibãs** exigiram que os homens deixassem a barba crescer, Parvana demorou a se acostumar com o rosto do pai. Ele nunca tinha usado barba antes. Pare ele mesmo foi difícil se acostumar. A barba coçava muito, no começo.

O pai começou a contar histórias reais. Ele tinha sido professor de História antes de sua escola ser bombardeada. Parvana cresceu ouvindo o que ele contava, e por isso era ótima aluna nessa matéria.

— Era o ano de 1880 quando os ingleses tentaram dominar nosso país. Nós queríamos ser dominados por eles? — Ele perguntou a Maryam.

— Não! — a garotinha respondeu.

— *Claro que não. Todo mundo tentou conquistar o Afeganistão, mas nós mandamos todos embora. Somos o povo mais acolhedor que existe. Para nós, um convidado é um rei. Vocês, meninas, sabem bem disso. Quando recebemos um convidado em casa, damos a ele do bom e do melhor.*

— *Ou uma convidada.* — corrigiu Parvana.

O pai sorriu.

— *Ou uma convidada. Nós, afegãos, fazemos tudo o que podemos para dar conforto ao nosso convidado. Mas se alguém vem a nossa casa ou ao nosso país e age como inimigo, então defendemos o que é nosso.*

— *Pai, continue a contar a história!* — Parvana pediu.

Já tinha ouvido muitas e muitas vezes, mas queria ouvir de novo. O pai sorriu outra vez.

— *Precisamos ensinar essa menina a ter mais paciência* a ele disse à mãe.

Parvana nem precisou olhar para ela para adivinhar: a mãe devia estar pensando que eles precisavam ensinar-lhe muito mais que isso.

— *Está bem.* — ele concordou.

— *Continuando a história, era 1880. Os afegãos lutavam contra os ingleses em meio à poeira, ao redor de Kandahar. Foi uma batalha terrível. Muitos morreram. Os ingleses estavam vencendo, e os afegãos estavam quase desistindo. A moral das tropas estava em baixa, os soldados já não tinham mais forças para lutar. A rendição parecia ser uma boa ideia. Só assim poderiam descansar e talvez salvar a própria vida.*

Foi então que uma menina, mais nova que Nooria, saiu de uma casa no vilarejo. Ela correu para a frente da batalha e virou-se para as tropas afegãs. Arrancou o véu da cabeça e, com o sol iluminando seu rosto, incentivou os soldados.

“Nós podemos vencer
essa batalha!”, gritava.

“Não percam as
esperanças!
Recuperem as forças!
Vamos lá!”.



SHE
BELIEVED
SHE COULD
—
SO SHE DID



Balançando o véu no ar como se fosse uma bandeira, ela liderou as tropas na investida final contra os ingleses, que não tiveram nenhuma chance. Os afegãos venceram a batalha.

O pai olhou para cada uma das meninas e disse:

—A moral da história, minhas filhas, é que o Afegani são sempre foi a terra das mulheres mais corajosas do mundo. Vocês são mulheres corajosas. Vocês são herdeiras da bravura de Málali.

— Nós podemos vencer essa batalha! — Maryam gritou, erguendo o braço como se segurasse uma bandeira.

A mãe tirou o bule de chá do alcance do bracinho de Maryam.

—Como vamos ser corajosas, se nem podemos sair às ruas?— Nooria perguntou. *—Como podemos lidar com os homens em batalhas? Eu já vi guerra demais. Não quero ver mais nada.*

—Há muitos tipos de batalhas — o pai respondeu em voz baixa.

—Inclusi ve a batalha com a louça do jantar— a mãe completou.

Parvana fez uma cara tão engraçada que o pai começou a rir. Maryam tentou imitá-la, o que fez a mãe e Nooria rirem também. Ali acordou, viu todo mundo rindo e começou a rir também.

A família estava rindo quando quatro soldados **talibãs** irromperam pela porta adentro.

Ali foi o primeiro a reagir. O barulho da porta batendo contra a parede o assustou, e ele começou a chorar.

A mãe pôs-se de pé imediatamente, e no mesmo instante Ali e Maryam correram para um canto do quarto para se esconder.

Nooria se cobriu completamente com o **xador** e encolheu-se toda. As jovens eram às vezes levadas por soldados. Eram raptadas de suas casas e a família nunca mais as via.

Parvana nem conseguiu se mover. Ficou sentada como se estivesse congelada na beira da lona de jantar. Os soldados eram gigantes, e com seus turbantes enrolados pareciam ainda maiores.

Dois deles agarraram seu pai. Os outros dois começaram uma busca pelo apartamento, chutando os restos do jantar sobre a esteira.

—Deixem ele em paz! — a mãe gritou. *— Ele não fez nada de errado!*

—Por que você foi estudar na Inglaterra?— os soldados berravam. *— O Afegani são não precisa das suas ideias estrangeiras!*

Eles o empurraram em direção à porta.

—O Afegani são não precisa de brutamontes analfabetos como vocês— o pai respondeu.

Um dos soldados deu um soco no rosto dele.

O sangue escorreu de seu nariz no shalwar kameez branco.

Um dos soldados deu um soco no rosto dele. O sangue escorreu de seu nariz no shalwar kameez branco. O soldado era um jovem de olhos azuis e cabelos curtos, com uma expressão de fúria. Ele segurava o rosto do homem que havia atingido, enquanto este gritava em dor. O sangue escorria pelo nariz dele, manchando o tecido branco de sua roupa. O soldado olhou para cima, como se estivesse esperando uma ordem ou uma reação. O homem atingido tentava se afastar, mas era mantido firme pelo braço do soldado. O cenário ao fundo era uma rua movimentada, com pessoas correndo e gritando. A atmosfera era de caos e violência.

A mãe avançou sobre os soldados e começou a bater neles com os punhos fechados. Agarrou o braço do pai e tentou puxá-lo. Outro soldado ergueu o rifle e bateu na cabeça dela, que despencou no chão. O soldado bateu mais algumas vezes. Maryam e Ali gritavam a cada golpe nas costas da mãe.

Ver a mãe no chão foi o que finalmente fez Parvana ter alguma reação. Quando os soldados arrastaram o pai para fora de casa, ela agarrou-se à cintura dele. Enquanto tentavam arrancá-la dali, ela ouviu o pai dizer:

—Tome conta dos outros, minha Milali.

Então ele se foi. Parvana ficou olhando desamparada, dois soldados o arrastarem pela escada, seu lindo **shalwar kameez** se rasgando no cimento áspero. Quando dobraram a esquina, perdeu-os de vista.

Dentro do quarto, dois outros soldados rasgavam os panos dos *toshaks* com suas facas e jogavam as coisas para fora do armário.

Os livros do pai! Na parte de baixo do armário havia um compartimento secreto que o pai construía para esconder os poucos livros que não haviam sido destruídos pelos bombardeios. Alguns eram obras inglesas de História e Literatura. Ficavam escondidos porque os talibãs queimavam os livros de que não gostavam.

Eles não podiam encontrar os livros! Os soldados começaram pela prateleira de cima e foram descendo. Roupas, cobertores, panelas, tudo foi para o chão.

Estavam chegando cada vez mais perto da prateleira de baixo, a que tinha o fundo falso. Parvana assistia horrorizada eles se abaixarem para tirar as coisas.

Saiam da minha casa!

— ela gritou de repente.

Dizendo isso, jogou-se contra os soldados com tanta força que os dois caíram no chão. Ela bateu neles com os punhos até ser derrubada. Então ouviu, mais do que sentiu, os golpes de bastão que deram nas suas costas. Ela escondeu a cabeça entre os braços até as pancadas pararem e os soldados irem embora.

A mãe se levantou com Ali no colo. Nooria ainda estava enrolada como uma bolinha, aterrorizada. Foi Maryam quem veio ajudar Parvana.

Ao primeiro toque da irmã Parvana pulou, achando que fossem os soldados. Maryam correu para ela e colocou o carinho na cabeça dela para tranquilizá-la. Parvana estava com o corpo todo dolorido, e abraçou a irmã. As duas tremiam.

Ela não tinha ideia de quando os soldados a permaneceram daquele jeito. Ninguém se mexeu mais. Parvana começou a chorar e adormeceu.



03.

Delicadamente, a mãe deitou Ali, adormecido numa parte limpa do chão. Maryam, que também tinha caído do sono, foi carregada até ali e ficou deitada ao lado do irmão.

— *Vamos limpar tudo isso* — disse a mãe.

Aos poucos, o quarto voltou a ficar em ordem. As costas e as pernas de Parvana doíam. A mãe também se movia devagar, toda curvada.

Ela e Nooria puseram as coisas de volta no armário. Parvana tirou a vassoura do prego em que ficava pendurada no lavatório e varreu o arroz espalhado. Os **toshaks** rasgados poderiam ser consertados, mas isso teria que esperar até o dia seguinte.

Quando o quarto retomou mais ou menos o aspecto normal, a família sem pai esticou cobertores e colchas no chão e foi se deitar. Parvana não conseguia dormir. Ouvia a mãe e Nooria se mexendo. Imaginava que cada barulhinho podia ser o pai ou os **talibãs** voltando. Cada ruído fazia Parvana sentir esperança e medo ao mesmo tempo.

Ela sentia falta dos roncos do pai. Era um ronco suave agradável. No tempo dos bombardeios pesados sobre Cabul, eles mudaram de casa muitas vezes em busca de um lugar seguro. Parvana acordava no meio da noite e não lembrava onde estava. Mas era só ouvir o roliço do pai e sentia-se segura.

Nessa noite não houve ronco.

Onde estaria seu pai? Será que tinha um lugar macio para dormir? Será que estava com frio? Com fome? Com medo?

Parvana nunca estivera em uma prisão, mas alguns de seus parentes lá tinham sido presos. Uma tia foi presa com centenas de estudantes que protestavam contra a ocupação soviética de seu país. Todos os governos afegãos punham os inimigos na cadeia.

—*Você não é afegão se não conhecer ni ninguém que já esteve preso*— dizia sua mãe.

Mas ninguém lhe dissera como eram as prisões.

—*Você ainda é muito nova para saber essas coisas*— diziam os adultos. E ela ficava imaginando.

Por fim, concluiu que na prisão devia ser frio e escuro.

—Mãe, acenda a luz!

Ela sentou-se de repente, com um pensamento súbito.

—Qui eta, Parvana! Assim você vai acordar o Ali!

—Deixe a lâmpada acesa - Parvana sussurrou. - Se deixarem o papai ir embora, ele vai precisar da luz na janela para guiá-lo de volta para casa.

—É como é que ele conseguiu ir a andar, se deixou a bengala aqui? Durma, Parvana, você não está ajudando.

Parvana voltou a se deitar, mas não dormiu. A única janela no quarto era pequena e ficava bem no alto da parede. Os **talibãs** ordenaram que as janelas fossem pintadas de preto para que ninguém pudesse ver as mulheres do lado de dentro.

— Nós não vamos fazer isso — o pai tinha dito.

—A janela é tão alta e tão pequena que ninguém vai ver nada aqui dentro.

Até então tinham conseguido deixar a janela como era, sem maiores problemas.

Por curtos períodos, em dias claros, o sol entrava pela pequena abertura da janela. Ali e Maryam se sentavam sob o fino raio de sol. A mãe e Nooria juntavam-se a eles e, por alguns minutos, ficavam aquecendo o rosto e os braços. Mas a Terra continuava seu giro e o sol ia embora.

Parvana mantinha os olhos fixos na direção da janela. A noite estava tão escura que não dava para distingui-la da parede. Ela montou guarda a noite toda, até que a aurora finalmente mandou a escuridão embora, e a luz da manhã se esgueirou para dentro do quarto.

Ao primeiro sinal de luz, a mãe, Nooria e Parvana pararam de fingir que estavam dormindo. Em silêncio, para não acordar ninguém, elas se levantaram e se vestiram. No café da manhã comeram restos de nan. Nooria foi aquecer água para fazer chá no fogareiro a gás do banheiro, mas a mãe mandou-a parar:

—Ainda tem água fervida da que sobrou de ontem. Vamos beber essa mesmo. Não há tempo para esperar pelo chá. Parvana e eu vamos tirar seu pai da cadeia.

E disse isso como se dissesse: “Parvana e eu vamos ao mercado comprar pêssegos”.

O **nan** caiu da boca de Parvana, mas ela não discutiu. ‘ ‘ Talvez eu finalmente consiga ver como é dentro de uma cadeia”, pensou.

A prisão ficava muito longe de casa e os ônibus não tinham permissão para transportar mulheres não acompanhadas por um homem. Elas teriam que ir a pé até lá. E se o pai estivesse preso em outro lugar? E se os talibãs as parassem na rua? A mãe não deveria estar fora de casa sem um homem ou sem uma autorização por escrito do marido.

—Noori a, escreva uma autori zação para a mamãe.

—Não é preci so, Noori a. Não vou andar pela mi nha ci dade com uma autori zação presa em mi nha **burca**, como se eu fosse uma cri ança de j ardi m- de- i nf ânci a. Tenho di ploma uni versi tári o!

— Escreva mesmo assim — Parvana sussurrou para Nooria, enquanto a mãe estava no banheiro. — Eu escondo na minha manga.

Nooria concordou. Sua caligrafia era mais adulta que a de Parvana, e rapidamente ela escreveu: “Dou permissão a minha mulher para estar fora de casa. E assinou o nome do pai.

—Não acho que i sso vá adi antar - Nooria sussurrou, quando deu o papel à irmã. — A maioria dos talibãs não sabe ler.

Parvana não respondeu. Rapidamente, dobrou o papel e guardou-o na bainha da manga. Nooria então fez algo muito raro: deu um abraço na irmã.

— Volte — ela sussurrou.

Parvana não queria ir, mas sabia que ficar em casa esperando seria muito mal dif í cil.

—Vamos rápi do, Parvana — ordenou a mãe. —Seu pai está esperando.

Parvana calçou as sandálias, enrolou o **xador** na cabeça e saiu com a mãe.

Ajudá-la a descer as escadas era mais ou menos como ajudar o pai aleijado, porque a burca a impedia de enxergar os degraus. No último, a mãe hesitou. Parvana pensou que ela fosse desistir. Mas logo em seguida a mãe aprumou-se, ergueu a cabeça e saiu pelas ruas de Cabul, seguida pela filha.

Parvana tinha que correr para acompanhar seus passos rápidos, mas não ficava para trás. Havia outras mulheres na rua, todas com as burcas obrigatórias, o que f azia com que ficassem todas iguais. Se perdesse a mãe de vista, tenta nunca mais encontrá-la. De vez em quando a mãe parava do lado de um casal, ou de um grupinho de homens, até mesmo de um pedinte, e mostrava a foto do pai. Ela não dizia nada, apenas mostrava a foto.

Parvana prendia a respiração toda vez que ela f azia isso. Fotografias eram ilegais. Qualquer um poderia entregá-las à milí cia, mas as pessoas olhavam a f oto e balanç avam a cabeça negativamente. Muita gente estava presa. Muitos tinham desaparecido. Eles sabiam o que sua mãe queria sem ela precisar dizer nada.

A penitenciária Pul-e-Charkhi ficava bem longe da casa de Parvana. Quando as duas avistaram a grande fortaleza, as pernas doíam, os pés estavam feridos e, o que é pior, elas estavam morrendo de medo. A prisão era escura e fria, e Parvana se sentia menor ainda.

Mas sabia que Málali não teria medo. Málali f ormaria um exército e chefiaria a invasão da prisão. Na verdade, Málali adoraria um desafio desses. Seus joelhos não tremiriam como tremiam os de Parvana.

Se sua mãe estava com medo, não o demonstrava. Ela aproximou-se dos portões e disse ao guarda:

— *Vim buscar o meu marido.*

Os homens a ignoraram.

— *Vim buscar meu marido!* — Ela repetiu.

Ela pegou a foto do pai e ergueu diante do rosto de um dos guardas.

—*Ele foi preso ontem à noite. Ele não cometeu nenhum crime e eu exijo que o soltem!*

Os guardas começaram a se juntar em volta. Parvana puxou de leve a burca da mãe, mas foi ignorada.

— *Vim buscar meu marido!* — A mãe insistia, cada vez mais alto.

Parvana puxou mais forte a burca.

—*Agente firme, minha pequena Milali* — Parvana ouviu seu pai lhe dizer por dentro, e de repente sentiu-se muito segura.

— *Vim buscar o meu pai* — Ela disse em voz alta.

A mãe olhou-a por trás da tela que lhe cobria os olhos e pegou na mão da filha.

— *Vim buscar o meu marido!* — Exigiu novamente.

Parvana e a mãe continuaram gritando. A cada grito, mais homens se juntavam para olhar para elas.

— *Quietas!* — *Ordenou um dos guardas.* — Vocês não deveriam estar aqui! Vão embora! Voltem para casa!

Um soldado pegou a foto do pai de Parvana e a rasgou em pedacinhos. Outro começou a golpear a mãe com um pedaço de pau.

— *Soltem meu marido!* — ela insistia.

Outro soldado juntou-se ao primeiro e bateu em Parvana também. Embora não batesse com muita força, Parvana caiu no chão, cobrindo com o corpo os pedaços da foto do pai, que ela rapidamente recolheu e guardou sob o **xador**.

Sua mãe estava caída no chão e os soldados batiam em suas costas. Parvana ergueu-se e deu um salto.

—*Parem! Parem com isso! Já vamos embora! Vamos!*

Ela segurou o braço do soldado que batia em sua mãe, e ele afastou-a dali como se ela fosse uma mosca.

—Quem é você para me dizer o que fazer?

Mas ainda assim ele parou com as pancadas.

— Saiam daqui! — ele ordenou, cuspiendo nas duas.

Parvana ajoelhou-se, pegou no braço da mãe e ajudou-a a se levantar. Devagar, as duas foram cambaleando para longe da prisão.

04.

Já era bem tarde quando elas chegaram em casa. Parvana estava tão cansada que precisou apoiar-se na mãe para subir as escadas, assim como o pai se apoiava nela.

Não pensava em mais nada, só nas dores que sentia por todo o corpo, do alto da cabeça até a ponta dos pés.

Seus pés ardiam e doíam a cada passo. Quando tirou as sandálias, descobriu por quê: desacostumados a andar tanto, eles estavam cobertos de bolhas estouradas, e sangravam.

Nooria e Maryam arregalaram os olhos ao ver aquilo. E ainda mais diante do estado dos pés da mãe bem mais machucados e sujos de sangue que os da filha.

Parvana então se deu conta de que a mãe não saíra mais de casa desde que os **talibãs** tomaram Cabul, havia um ano e meio. Poderia ter saído, se quisesse. Tinha uma **burca**, e o pai a teria acompanhado. Muitos maridos preferiam deixar a mulher em casa, mas não seu pai.

—Fatana, você é uma escritora!— ele sempre lhe dizia. — Tem que ir à cidade e ver o que está acontecendo. Se não fizer isso, como poder escrever?

—Quem vai ler o que eu escrevo? E vão me deixar publicar? Não. Então, de que adianta olhar se não posso escrever? Além do mais, isso não vai durar muito tempo. O povo afegão é inteligente, é forte, vai expulsar esses talibãs. Quando isso acontecer, teremos um governo decente no Afeganistão, e então vou sair de novo. Até lá, prefiro ficar aqui.

— É preciso trabalhar para se ter um bom governo - o pai retrucava. Você é uma escritora. Tem que fazer seu trabalho.

—Se nós ti véssemos saído do Afeganistão quando ti vemos a chance, eu poderia estar trabalhando!

Essa era uma discussão que os pais de Parvana tinham toda hora. Quando a família inteira mora em um só quarto, não existem segredos.

Os pés da mãe estavam tão machucados pela longa caminhada que ela mal conseguiu entrar. Parvana, de tão tomada pela própria dor e pelo cansaço, nem se preocupou com o que a mãe poderia estar sentindo.

Nooria tentou ajudar, mas a mãe fez um gesto para que ela se afastasse. Então tirou a burca e jogou-a no chão: seu rosto estava molhado de lágrimas e suor. Ela atirou-se sobre o **toshak** em que o pai havia se deitado no dia anterior.

E chorou durante muito, muito tempo. Nooria limpou o rosto dela com uma esponja e lavou-lhe as feridas dos pés. A mãe agia como se a filha nem estivesse lá. Por fim, Nooria estendeu uma cobertura leve por cima dela. Passou-se ainda muito tempo antes que os soluços parassem, mas finalmente a mãe dormiu.

Enquanto Nooria tentava cuidar da mãe, Maryam cuidava de Parvana. Muito concentrada, e mordendo a língua para não falar, levou a bacia de água até onde Parvana estava e não deixou cair nem uma gota. Ela esfregava o rosto da irmã com um pano que mal conseguia torcer. A água escorria pelo pescoço de Parvana, dando uma sensação gostosa. Ela mergulhou os pés na bacia, e isso também foi bom. E ficou ali com os pés na água enquanto Nooria foi providenciar o jantar.

— *Não disseram nada sobre o papai.* — Parvana comentou com a irmã. —
O que é que nós vamos fazer? Como vamos encontrá-lo?

Nooria começou a dizer alguma coisa, mas Parvana não compreendeu. Começou a sentir os olhos pesados, querendo fechar, e então, quando se deu conta, já havia amanhecido.

Alguém estava preparando a refeição matinal. “Eu devia me levantar e ajudar”, pensou, mas não encontrou forças para se mexer.

Durante toda a noite sonhou com os soldados. Eles gritavam e batiam nela. No sonho, queria gritar para soltarem seu pai, mas não saía nenhum som de sua boca. Ela até chegou a dizer: “Eu sou Malali! Eu sou Malali!”, mas ninguém prestou atenção. A pior parte do sonho era ver sua mãe apanhando. Era como se assistisse a tudo de longe e não pudesse se aproximar para ajudar.

Parvana acordou assustada e só relaxou quando viu a mãe no **toshak**, do outro lado do quarto. Tudo bem: sua mãe estava lá.



—*Eu ajudo você a ir ao banheiro*— Nooria ofereceu.

—*Não preciso de ajuda*— disse Parvana.

Mas quando tentou levantar os pés doíam muito. Era mais fácil aceitar a oferta de Nooria e apoiar-se nela para chegar ao banheiro.

—*Todos se apóiam em todos nesta família*— Parvana contentou.

—*É mesmo?* - Nooria perguntou. —*E eu, em quem me apoio?*

Era um comentário típico da irmã, o que fez Parvana sentir-se um pouco melhor. Se Nooria estava rabugenta, isso queria dizer que tudo estava voltando ao normal.

Parvana melhorou depois de lavar o rosto e pentear o cabelo. Arroz frio e chá quente já a esperavam quando ela terminou.

—Mãe, você quer comer? Noori a acordou- a cari nhosamente. A mãe gemeu e deu de ombros. Nooria se afastou.

Exceto algumas idas ao banheiro ou tomando as xícaras de chá que Nooria deixava ao lado do **toshak**, a mãe teria passado o dia todo deitada. Virava-se para a parede e não falava com ninguém.

No dia seguinte, Parvana estava cansada de dormir. Seus pés ainda doíam, mas mesmo assim teve ânimo para brincar com Maryam e Ali. Os dois pequenos, especialmente Ali, não entendiam por que não tinham a atenção da mãe.

A mamãe está dormi ndo— disse Parvana.

—Quando é que ela vai acordar? Perguntou Maryam.

Parvana não respondeu. Ali andava até a porta e apontava para fora.

—Acho que ele está perguntando onde está o papai — disse Nooria. — Venha, Ali, vamos pegar a sua bola.

Parvana se lembrou da fotografia rasgada e foi buscá-la. O rosto do pai estava como um quebra-cabeça. Ela espalhou os pedaços sobre a esteira. Maryam sentou-se ao lado dela e as duas começaram a juntá-los. Estava faltando um pedaço. O rosto do pai estava todo lá, menos o queixo.

—Quando consegui rmos fita adesi va, colaremos todos os pedaços.— disse Parvana.

Maryam fez que sim com a cabeça. Ela juntou todos os pedaços numa pilha e entregou-os a Parvana, que os guardou num canto do armário.

Amanheceu o terceiro dia. Parvana chegou a pensar em fazer algumas tarefas da casa, só para passar o tempo, mas temia acordar a mãe. Chegou um momento em que as quatro crianças se sentaram contra a parede e ficaram olhando a mãe dormir.

— Ela tem que se levantar logo — disse Nooria. —Não pode ficar dei tada ai para sempre.

Parvana cansou-se de ficar sentada. Ela vivia naquele quarto há um ano e meio, mas nunca ficava parada: quando não estava no mercado com o pai, sempre tinha algum afazer.

A mãe ainda estava no mesmo lugar. As crianças tomavam cuidado para não perturbá-la. Apesar disso, Parvana sabia que se ficasse mais tempo sussurrando e procurando conter o barulho dos pequenos, ia acabar enlouquecendo.

— *Não temos mais comida* — Nooria disse novamente no dia seguinte.

— *Eu não vou sair.*

— *Você tem que ir. Não há mais ninguém que possa fazer isso.*

— *Meus pés aínda estão machucados.*

— *Seus pés vão sobreviver, mas nós não vamos se você não for buscar comida. Agora, mexa-se!*

Parvana olhou para a mãe deitada no **toshak**. Olhou para Ali, faminto e carente dos pais. Olhou para Maryam, com o rostinho murcho e pálido de quem não via o sol há muito tempo. Por fim, olhou para a irmã mais velha.

Nooria estava apavorada. Se Parvana não fosse, ela mesma teria que sair atrás de comida.

“*Agora eu peguei você*”, Parvana pensou.

“*Vou fazer você sofrer como você faz comigo.*”

Mas então percebeu que esse pensamento não a deixava feliz. Talvez estivesse cansada e faminta demais. Em vez de se recusar, pegou o dinheiro da mão da irmã.

— *O que eu devo comprar?*

05.



As mulheres não tinham permissão para entrar nas lojas.

Era estranho estar na praça do mercado sem o pai. Parvana tinha a impressão de que a qualquer momento ia vê-lo no lugar de sempre, sentado no cobertor, lendo e escrevendo cartas para os fregueses.

As mulheres não tinham permissão para entrar nas lojas. Os homens deviam fazer as compras, mas se as mulheres tivessem que fazê-las, deviam ficar do lado de fora e pedir a alguém o que quisessem. Parvana já tinha visto lojistas sendo espancados porque deixaram mulheres entrar em sua loja.

Ela não tinha certeza se seria considerada uma mulher. Se ficasse do lado de fora da loja e gritasse o que queria, podia meter-se numa encrenca porque não estava usando a burca. E se entrasse na loja, também podia ter problemas por não se comportar como uma mulher!

Adiou a decisão comprando primeiro o **nan**. A barraca do padeiro tinha um balcão diretamente na rua.

Parvana prendeu o xador com firmeza em volta do rosto, de modo que só os olhos ficassem de fora. Mostrou as duas mãos abertas - dez unidades de nan. Havia uma pilha de nan assado, mas foi preciso esperar que outros saíssem do forno. O atendente embrulhou tudo numa folha de jornal e entregou a Parvana. Ela pagou sem erguer os olhos.

O pão ainda estava quentinho. Que cheiro delicioso! Aquele aroma maravilhoso a fez lembrar como estava com fome. Seria capaz de comer um pão inteiro sozinha.

A barraca de frutas e verduras vinha em seguida. Antes que tivesse tempo de escolher o que comprar, alguém gritou atrás dela.

—O que está fazendo na rua vestida desse jeito? Parvana viu-se e deu de cara com um talibã que a encarava, os olhos raios e um pedaço de pau na mão. —Você devia estar coberta! Quem é seu pai? Quem é seu marido? Eles serão castigados por permitir que você saia na rua desse jeito!

O soldado ergueu o braço e bateu com o pau no ombro de Parvana. A menina nem sentiu. Iam castigar seu pai, é?

**— Pare
de me
bater!** — gritou.

O talibã ficou tão surpreso que por um instante permaneceu imobilizado, sem ação. Parvana aproveitou e saiu correndo. No caminho esbarrou numa pilha de nabos, que caíram rolando pelo chão.

Abraçando os **nans** que ainda estavam mornos, Parvana continuou correndo, as sandálias batendo no calçamento. Pouco importava que olhassem para ela. Só queria ficar o mais longe possível do soldado, o mais rápido que suas pernas pudessem levá-la.

Estava tão aflita para chegar em casa que esbarrou numa mulher com uma criança no colo.

Estava tão aflita para chegar em casa que esbarrou numa mulher com uma criança no colo.

—Parvana?

A menina tentou se livrar, mas a mulher segurou firme no braço dela.

—É Parvana, si m! Onde já se viu levar o pão desse jeito?

A voz por trás da **burca** era conhecida, mas Parvana não conseguia se lembrar de quem era.

—Fale, menina! Não fique aí parada de boca aberta como se fosse um peixe no mercado. Fale!

—É a sra. Weera?

—Ah, é verdade, estou com o rosto coberto. Sempre me esqueço disso. Agora diga: por que é que você está correndo? E por que está amassando um pão tão bonito?

Parvana começou a chorar: —O **talibã**... um soldado... ele estava me perseguindo...

—Enxugue essas lágrimas. Nesse caso, você fez muito bem de sair correndo. Eu sempre achei uma menina muito esperta, e estou vendo que é mesmo. Parabéns. Conseguiu se livrar de um talibã. E aonde está indo com tanto pão?

—Para casa. Já estou quase chegando.

—Vamos juntas. Faz um tempo que estou mesmo querendo visitar sua mãe. Queremos fazer uma revista, e sua mãe é a única que pode nos ajudar.

—Mãe não escreve mais, e acho que ela não está querendo receber visitas.

—Bobagem. Vamos.

A sra. Weera, juntamente com a mãe de Parvana, tinham fundado a União das Mulheres Afegãs. Ela estava tão certa de que sua amiga não se incomodaria com a visita inesperada que Parvana não titubeou em mostrar-lhe o caminho.

—Pare de apertar esse pão! Ele não vai saltar de seus braços e sair correndo.

Quando estavam quase no alto da escada, Parvana disse à sra. Weera:

—Tem uma coi sa que eu preci so di zer.. M nha mãe não está bem.

—Então será mui to bom vi si tá- la e cui dar um pouco dela.

Parvana desistiu. Elas acabaram de subir e entraram no quarto. Primeiro, Nooria só viu Parvana e correu para pegar o **nan** das mãos dela.

—Só comprou i sso? E o arroz, onde está? E o chá? Como vamos nos aj ei tar só com i sso?

*—Não fique brava com ela. Essa meni na foi persegui da e teve que fugi r antes de acabar as compras — disse a sra. Weera, entrando no quarto e tirando a **burca**.*

— Senhora Weeera ! — Nooria exclamou, visivelmente aliviada.

Enfim havia alguém que podia assumir o controle da situação e tirar a carga de saís ombros.

A sra. Weera deitou a criança que trazia no colo na esteira, ao lado de Ali. Os bebês se olharam meio desconfiados. Era uma mulher alta, de cabelos brancos, mas bastante saudável. Tinha sido prof utora de educação física antes de os **talibãs** a obrigarem a deixar o emprego.

—O que está acontecendo aqui ? — ela perguntou.

Mais alguns passos e ela já estava no banheiro, procurando de onde vinha o mau cheiro.

—Por que estas fraldas não foram lavadas?

—Não tem água —expli cou Noori a. — Temos medo de sair para buscar.

—Você não tem medo, não é, Parvana?

E sem esperar pela resposta, começou a dar ordens:

—Vá buscar o balde, meni na. Vamos, faça a sua parte. Ani mo!

A sra. Weera parecia estar num jogo de hóquei, incentivando o time para jogar o melhor possível.

—Onde está Fatana? — ela perguntou assim que Parvana foi buscar o balde.

Nooria apontou para o **toshak** e o volume escondido sob o cobertor. A mãe gemeu e encolheu-se ainda mais.

—*Ela está dormindo* — disse Nooria.

—*Há quanto tempo ela está assim?*

—*Há quatro dias.*

—*E onde está seu pai?*

—*Está preso.*

—*Ah, entendi... Ela olhou para Parvana, que estava parada com o balde na mão.*

—*Está esperando que chova aqui dentro para encher o balde? Vá buscar água!*

Parvana foi.

Fez sete viagens carregando água. A sra. Weera foi encontrá-la na porta, no alto da escada, pegou os dois primeiros baldes cheios, esvaziou-os e os trouxe de volta.

—*Agora vamos lidar com sua mãe e ninguém mais precisa ficar olhando para ela.*

Em seguida, Parvana encheu o tanque de água, como de costume. A sra. Weera tinha levantado a amiga e estava lavando-a. Mas ela parecia nem notar a filha.

Parvana continuou trazendo água. Seus braços doíam, as bolhas nos pés se abriram e voltaram a sangrar, mas ela nem se importou. Ia buscar água porque a família precisava, porque seu pai contava com ela para isso. Agora que a sra. Weera estava lá e a mãe tinha se levantado, ficado de pé, tudo ia melhorar, e ela faria a sua parte.

Pela porta afora, pela escada abaixo, pela rua até a bica, depois tudo outra vez, parando de vez em quando para descansar e mudar o peso de um braço para o outro.

Depois da sétima viagem, a sra. Weera mandou-a parar.

—*O tanque está cheio e tem um balde de reserva. Por enquanto já basta.*

Parvana estava zonda de tanto fazer exercício, sem comer nada. Precisava beber um pouco de água.

—O que está fazendo? —Noori a gri tou quando vi u Parvana encher a caneca com água do tanque. —Você sabe que tem que ferver antes.

A água sem ferver fazia as pessoas ficarem doentes. Mas Parvana estava com tanta sede que levou a caneca aos lábios assim mesmo.

Nooria arrancou-a de sua mão.

—Você é maluca! Só falta ficar doente! Como é que uma desmi olada dessas pode ser mi nha i rmã?

—Não é assi m que se mantém o espí ri to de equi pe— a sra. Weera interferiu.

—Noori a, lave os pequenos para eles j antarem. Use a água fri a do tanque. Vamos dei xar a água que está fervendo só para beber.

Parvana foi para perto da mãe e se sentou ao lado dela, que já tinha vestido roupas limpas. Estava com o cabelo penteado e preso. Essa era a mãe que ela conhecia, apesar de ainda estar com um aspecto muito cansado.

Uma eternidade parecia ter se passado até que a sra. Weera trouxesse uma caneca de água limpa e fervida para Parvana.

—Cui dado. Ai nda está mui to quente.

Assim que conseguiu colocar a água na boca, ela esvaziou a caneca num instante. Não satisfeita, ainda repetiu a dose.

A sra. Weera e sua neta passaram a noite ali. Parvana estava morrendo de sono, mas ouvia Nooria, sua mãe e a sra. Weera conversando em voz baixa. A sra. Weera contou o que tinha acontecido com Parvana e o **talibã**. A última coisa que ouviu antes de adormecer foi ela dizer:

— Vamos ter de pensar em alguma coisa.

06.

IAM PARVANA
TRANSFORMA-LÁ
NUM MENINO.
HOSSEIN

—*Como meni no, você poderá entrar e sair do mercado, comprar o que for preciso e ninguém vai parar você*— disse a mãe.

—*É a solução perfeita*— continuou a sra. Weera.

—*Você será nosso primo de Jalalabad que ficará conosco enquanto papai não estiver* — Nooria concluiu.

Parvana ficou olhando para as três. Era como se falassem uma língua estranha, e ela não estivesse entendendo nada.

—*Se perguntarem por você, diremos que foi passar uns tempos na casa de uma tia em Cunduz* — disse a mãe.

—*Mas ninguém vai perguntar.*

Ao ouvir isso, Parvana virou-se imediatamente para a irmã. Se havia um bom momento para dizer-lhe umas poucas e boas, era aquele, mas ela não conseguiu pensar em nada. Afinal, Nooria tinha razão. Nunca mais vira nenhum de seus amigos desde que os **talibãs** tinham fechado as escolas. Os parentes estavam espalhados pelo país ou até no estrangeiro. Não sobrara ninguém para perguntar por ela.

—*Você vai usar as roupas do Hossein.*

A voz de sua mãe falseou. Por um momento parecia que ela ia chorar, mas logo recuperou o controle.

—*Ficarão grandes nela, mas podemos fazer alguns ajustes* — ela disse para a sra. Weera. — *Há muito tempo elas não são usadas. Já é hora de servirem para alguma coisa.*

Parvana se deu conta de que a sra. Weera conversara longamente com sua mãe enquanto ela dormia. Isso a deixou feliz porque sua mãe estava melhor. Mas isso não queria dizer que fosse aceitar a proposta.

—*Não vai dar certo* — disse Parvana. — *Não vou parecer um menino. Tenho cabelo comprido.*

Nooria abriu a porta do armário, tirou a caixa de costura e abriu a tampa devagar. Parvana viu-a pegar a tesoura e começar a manuseá-la animadamente.

—*Ninguém vai cortar meu cabelo* — disse Parvana, protegendo a cabeça com as mãos.

—*E como vai ficar parecida com um menino?*— a mãe perguntou.

—*Corte o cabelo da Noori a! Ela é a mais velha! Ela é que deve cuidar de mim, e não eu dela!*

—*Ninguém acreditará que eu sou a mais nova*— disse Nooria calmamente, olhando para o próprio corpo.

O fato de Nooria estar tão calma só deixava Parvana com mais raiva.

—*Logo ficarei como você* — disse Parvana.

— *Nem em sonho.*

— *Cuidaremos disso quando chegar a hora.* — A mãe interferiu, pondo um fim na briga que certamente iria começar. — *Por enquanto, não temos escolha. Alguém tem que sair, e você tem mais chances de passar por um menino.*

Parvana parou para pensar. Levou a mão às costas para ver quanto o cabelo tinha crescido.

— *Essa decisão tem de ser sua* — disse a sra. Weera. — *Nós podemos obrigá-la a cortar o cabelo, mas é você quem terá de sair para cumprir seu papel. Sabemos que não é fácil o que estamos lhe pedindo, mas acho que você consegue. E então, aceita?*

Parvana viu que a sra. Weera estava certa. Poderiam segurá-la para cortar o cabelo, mas para todo o resto do plano precisavam de sua colaboração. A decisão final só podia ser sua.

De alguma maneira foi isso que a fez concordar.



—*Está bem. Eu aceito.*

—*Mi to bem.* — disse a sra. Weera — *É assim que se fala.*

Nooria abriu e fechou a tesoura novamente.

— *Eu corto o seu cabelo* — disse.

— *Não, eu corto* — disse a mãe, pegando a tesoura da mão dela. — *Vamos fazer isso logo, Parvana. Se pensarmos muito não vamos facilitar as coisas.*

Parvana foi com a mãe para o banheiro, onde o chão era de cimento e seria mais fácil varrer o cabelo cortado. Já foi levando as roupas de Hossein.

—*Você quer olhar?* — a mãe perguntou, mostrando o espelho.

Parvana fez que não, mas logo mudou de ideia. Se era a última vez que veria seu cabelo, queria vê-lo o máximo de tempo possível.

A mãe trabalhava rápido. Primeiro fez um corte reto na altura do pescoço, depois juntou o cabelo cortado e mostrou a Parvana.

—*Vamos amarrá-lo com uma fita linda que tenho em algum lugar of ereceu.*

—*Você poderá guardá-lo.*

Parvana olhou a mecha de cabelo na mão de sua mãe. Enquanto estava na cabeça, parecia importante; agora não era mais.

— *Não precisa - disse ela* — Pode jogar fora.

A mãe mordeu os lábios.

—*Se você ficar se martirizando...*— ela jogou o cabelo no chão.

O cabelo ia caindo no chão, e Parvana começou a se sentir uma pessoa diferente. O rosto todo estava aparecendo. O que havia sobrado era curto e crespo, enrolando-se em volta de suas orelhas. Não havia mais fios compridos para cair sobre os olhos, embaraçar ao vento, demorar horas para secar.

A testa parecia maior. Os olhos também, talvez porque os estivesse arregalando para enxergar tudo. As orelhas se destacavam no rosto delicado. “Elas são engraçadas”, Parvana pensou, “mas gosto delas”.

E por fim concluiu: “Gosto do meu rosto”.

A mãe passou a mão pela cabeça de Parvana para tirar os fios soltos.

— *Troque de roupa* — ordenou, e saiu do banheiro.

Então tirou a roupa e vestiu as de seu irmão. O **shalwar kameez** de Hossein era verde-claro, tanto a camisa solta quanto a calça larga. A camisa era um pouco grande e a calça, comprida, mas presa na cintura até que ficava bem.

Tinha um bolso do lado esquerdo da camisa, perto do peito. Era grande o suficiente para guardar dinheiro e talvez algumas balas, se algum dia voltasse a comê-las. Tinha outro bolso na frente.

Era legal ter bolsos. As roupas e menina não tinham nenhum.



“Eu gostei”, ela pensou, sorrindo.



—Parvana, j á acabou de se trocar?

Ela olhou outra vez no espelho e se juntou à família.

A primeira que encontrou foi Maryam. A menina olhou para ela como se não a conhecesse.

—Sou eu, Maryam, Parvana.

— Parvana! — Maryam começou a rir.

— Hossein — murmurou a mãe.

—Você é menos feia como meni no do que como meni na— Nooria apressou-se em dizer antes que a mãe começasse a se lembrar de Hossein e voltasse a chorar.

A sra. Weera se adiantou:

—Você ficou mui to bem.

— Vista isto — disse a mãe, entregando-lhe um gorro branco todo bordado.

Talvez nunca mais pudesse usar outra vez seu **shalwar kameez** vermelho, mas ganhara um gorro novo em seu lugar.

— Tome um pouco de dinheiro, disse a mãe. —Vá buscar o que não conseguiu comprar ontem.

Ela pôs um **pakul** que pertencia ao marido sobre os ombros de Parvana.

— E volte logo.

Parvana guardou o dinheiro no bolso, calçou as sandálias e esticou o braço para alcançar o seu **xador**.

— Não vai precisar disso, Nooria lembrou.

Parvana tinha esquecido. De repente, sentiu medo. Todos iriam ver seu rosto! E saberiam que não era um menino!

Ela virou-se para a mãe:

— Eu não posso fazer isso!

—Eu não falei? — disse Nooria, no tom de voz mais implicante. Eu avisei que ela era medrosa.



—

**É fácil chamar
alguém de medrosa
quando você está a
salvo dentro de casa
o tempo todo!**

Na rua, a todo momento achava que alguém apontaria para ela e gritaria que aquilo era uma farsa. Ninguém apontou. Ninguém prestou a menor atenção nela. Quanto mais a ignoravam, mais segura ela se sentia.

Quando ia com o pai ao mercado, sempre ficava em silêncio e cobria o rosto quanto pudesse. Agora, com o rosto exposto ao sol, estava invisível de outro jeito. Era só mais um menino na rua. Nada que chamasse a atenção.

Quando chegou à loja que vendia chá, arroz e outros mantimentos, hesitou por um instante, mas em seguida entrou decidida. “Eu sou um menino”, repetia para si mesma para ganhar coragem.

— Parvana respondeu e saiu batendo a porta.

—*O que você quer?* perguntou o vendedor.

—*Um po...um pouco de chá* - Parvana gaguejou.

—*Quanto? De que ti po?* O vendedor foi grosseiro, mas uma grosseria normal cansada pelo mau humor, não por ter uma menina em sua loja.

Parvana mostrou a marca de chá que normalmente se tomava em sua casa.

—*É o mais barato?*

—*Este é o mais barato* — o vendedor mostrou outra marca.

—*Vou levar o mais barato. E também quero dois quilos de arroz.*

—*Nem precisa dizer que quer o mais barato. Pão-duro!*

Parvana deixou a loja com o chá e o arroz, muito orgulhosa de si mesma. “*Consegui!*,” murmurava. As cebolas estavam baratas na barraca de verduras. Comprou algumas.

—*Veja o que eu trouxe!* Parvana exclamou, ainda na porta. — *Eu consegui! Fiz as compras e ninguém me perturbou.*

— *Parvana!* Maryam correu para abraçá-la.

Parvana abraçou-a com as compras ainda nos braços.

A mãe tinha voltado ao **toshak**, estava de costas, virada para a parede. Ali estava do Lado dela, tentando chamar sua atenção.

Nooria pegou as compras das mãos de Parvana e entregou-lhe o balde.

—*Já que você está de sandálias...* — disse.

—*O que houve com a mamãe?*

— *Shhh! Fale baixinho! Você quer que ela escute? Ela ficou triste depois de ver você com as roupas do Hussein. E compreensível, não? Não a culpe por isso. E a sra. Vera foi para casa, por isso ela ficou triste. Agora, por favor, vá buscar água.*

—*Eu peguei água ontem!* — Eu tive muita coisa para limpar. Ali estava quase sem fraldas. *O que você prefere: Lavar fraldas ou buscar água?*

Parvana foi buscar água.

— *Não tire mais essas roupas - disse Nooria, quando Parvana voltou —
Esti ve pensando...se você vai ser um meni no lá fora, deve ser um meni no
aqui dentro, também. E se alguém aparecer de repente?*

Isso fazia sentido.

—*E a mamãe? Ela não ficará tri ste por me ver com as roupas do Hossei n?*

—*Ela terá que se acostumar.* Pela primeira vez, Parvana notou o cansaço no rosto de Nooria. Parecia ter bem mais que dezessete anos.

— *Eu ajudo a fazer o jantar —* ofereceu.

—*Aj udar? Você só vai me atrapalhar.*

Parvana ficou furiosa. Era impossível ser gentil com Nooria!

A mãe levantou-se para jantar e fez um esforço para mostrar-se animada. Elogiou Parvana por seu sucesso nas compras, mas parecia sofrer quando olhava para ela.

Mais tarde, quando todos se deitaram para dormir, Ali estava um pouco agitado.

— *Durma, Hossein —* Parvana ouviu sua mãe dizer. —*Durma, meu filho.*

07.

Na manhã seguinte, Parvana comeu alguma coisa e voltou à rua.

— *Leve o material de escrever e o cobertor de seu pai para o mercado — disse-lhe a mãe. — Talvez você consiga ganhar algum dinheiro. Você viu seu pai trabalhar durante esse tempo todo. Faça como ele fazia.*

Parvana gostou da ideia. Tinha se saído bem no dia anterior. Se conseguisse ganhar dinheiro, talvez até se livrasse das tarefas de casa. Se o disfarce tinha funcionado uma vez, por que não funcionaria de novo?

Ela ia para o mercado sentindo a cabeça bem mais leve sem o cabelo ou o xador. Podia sentir o sol no rosto, e uma brisa suave que vinha da montanha deixava o ar fresco e agradável.

A bolsa de seu pai ia a tiracolo, a alça cruzada sobre seu peito. Dentro dela estavam as canetas e os papéis de carta, além de alguns objetos para vender, entre eles o seu lindo **shalwar kameez**. No braço, Parvana levava o cobertor para se sentar.

Ela foi para o mesmo lugar em que seu pai ficava. Era ao lado de uma parede. Do outro lado tinha uma casa. No alto da parede havia uma janela, mas tinha sido pintada de preto por ordem dos talibãs.

— *Se ficarmos no mesmo lugar todos os dias, as pessoas vão saber onde nos encontrar e se lembrar de nós quando precisarem ler ou escrever alguma coisa — dizia seu pai.*

Parvana gostava quando ele dizia “nós”, como se ela fizesse parte do negócio. Esse ponto em que eles ficavam era perto de casa. Havia outros locais mais movimentados no mercado, mas eram mais distantes e Parvana não conhecia bem o caminho.

— *Se alguém perguntar quem você é, diga que é Cassim, sobrinho de seu pai — a mãe recomendou.*

A história foi repetida muitas vezes até Parvana sabê-la de cor.

—Diga que seu tio está doente e você ficará com a família até ele melhorar.

Era muito mais seguro dizer que ele estava doente do que contar que havia sido preso. Ninguém queria ser inimigo do governo.

—Será que alguém vai pagar para eu ler? — Parvana perguntou. — Eu só tenho onze anos.

—Você é mais instruída que a maioria das afegãs disse a mãe. — Mas se ninguém procurar você, pensaremos em outra coisa.

Parvana estendeu o cobertor no chão duro, dispôs os objetos que estavam à venda de um lado, arrumou as canetas e o papel de carta do outro. Então sentou-se e ficou esperando pelo primeiro freguês.

Uma hora se passou e ninguém parou. Os homens se aproximavam, olhavam e seguiam andando. Parvana queria ter seu xador para se esconder. Temia que a qualquer momento alguém fosse parar, apontar para ela e gritar: “Menina!”.

A palavra ecoaria pelo mercado como uma maldição e todos parariam o que estivessem fazendo. Aguentar firme essa primeira hora foi uma das coisas mais difíceis que ela já tinha feito.

Parvana estava distraída quando alguém parou na sua frente. Ela percebeu primeiro a sombra de um homem se aproximando. Quando se virou, viu o turbante escuro usado pelos **talibãs**. Um rifle estava cruzado no peito dele com a mesma naturalidade que a bolsa de seu pai estivera no seu. Parvana começou a tremer.

—*Você lê cartas?* — Ele perguntou em **pashtu**.

Parvana tentou responder, mas não encontrou a voz. Então moveu a cabeça afirmativamente.

—*Fale alto, rapaz! Um leitor de cartas sem voz não me serve para nada.*

Parvana inspirou profundamente.

—*Eu sou um leitor de cartas* — afirmou em pashtu, num tom que esperava ser alto o suficiente. — *Sei ler e escrever em **dari** e pashtu.*

Se o homem fosse um freguês, ela esperava que seu pashtu desse conta do recado.

O talibã continuou olhando para ela. Então enfiou a mão no colete, sempre com os olhos fixos em Parvana, e tirou algo de dentro do bolso. Ela estava pronta para fechar os olhos e receber um tiro, quando viu o talibã entregando-lhe um papel.

Ele sentou-se ao lado dela.

—*Leia isto* — disse.

Parvana pegou o envelope, o selo era da Alemanha. Ela leu o que estava escrito:

—*É para Fátima Mãe. — Era minha mulher* — disse o talibã.

Era uma carta muito antiga. Parvana tirou do envelope e desdobrou. As dobras marcavam o papel. Então começou a ler:



Querida sobrinha,

Desculpe não poder estar com você no dia do seu casamento, mas espero que esta carta chegue a tempo. É bom estar na Alemanha, longe de toda essa guerra. Entretanto, nunca consegui sair do Afeganistão. Meus pensamentos estão sempre voltados para nosso país, para a família e meus amigos, que provavelmente nunca mais verei. Neste dia do seu casamento, eu lhe desejo um lindo futuro. Seu pai, meu irmão, é um homem de bem, e terá escolhido um bom homem para ser seu marido. No começo, você achará difícil ficar longe de sua família, mas você terá uma nova família. Logo começará a sentir-se na sua casa. Quero que você seja feliz, seja abençoada com muitas crianças, e viva para ver seus filhos terem filhos. Quando você deixar o Paquistão e voltar para o Afeganistão com seu novo marido, provavelmente perderemos o contato.

Por favor, guarde esta carta e não se esqueça de mim, porque eu não a esquecerei.

Com o amor de sua tia,

Sohila.

Parvana parou de ler. O talibã estava em silêncio do seu lado.

—Quer que eu lei a novamente?

Ele fez que não com a cabeça e estendeu a mão. Parvana dobrou a carta e entregou-a. As mãos dele tremiam enquanto punha a carta no envelope. Uma lágrima rolou em seu rosto até parar na barba.

—M nha mulher está morta — ele disse. — Isto estava entre as coisas dela, e eu queria saber o que dizia.

Ele ficou em silêncio por alguns minutos, segurando a carta.

—Quer que eu escreva uma resposta? — Parvana perguntou, como seu pai fazia.

O **talibã** deu um suspiro e fez que não com a cabeça.

—*Quanto lhe devo?*

— *Pague quanto quiser* — disse Parvana.

Seu pai também dizia isso. O talibã pegou algum dinheiro do bolso do colete e entregou a ela. Sem dizer uma palavra, levantou-se e foi embora.

Parvana inspirou fundo e expirou lentamente.

Até então via os talibãs apenas como homens que batiam em mulheres e prendiam seu pai. Talvez também ficassem tristes como os demais seres humanos. Tudo isso era muito confuso.

Logo chegou outro freguês, interessado em comprar alguma coisa. Mas o talibã que tinha saudades da mulher não lhe saiu da cabeça durante todo o dia. Ela teve só mais um freguês antes de ir para casa almoçar. Um homem ficou andando para lá e pra cá na frente do cobertor e finalmente parou para lhe falar.

—*Quanto você quer por isso?* — ele apontou o lindo **shalwar karneez**.

Sua mãe não lhe dissera quanto deveria pedir por ele. Parvana procurou lembrar como sua mãe negociava com vendedores no mercado quando ainda podia fazer compras. Discutia com eles até que diminuíssem o preço, qualquer que fosse ele.

— *Eles gostam de barganhar* — ela lhe explicou. — *Por isso começam com um preço tão alto que só um louco pagaria.*

Parvana pensou rápido. Lembrou-se de sua tia em Mazar trabalhando duro para bordar vestidos e pernas de calças. Lembrou-se de como se sentia bonita vestida em seu shalwar karneez e como detestava ter que vendê-lo.

Ela pediu um preço alto. O homem recusou e fez uma contra-oferta, bem mais baixa. Parvana mostrou o bordado detalhado e pediu um preço um pouco inferior ao primeiro. O freguês hesitou, mas não foi embora. Depois de mais algumas ofertas e contra-ofertas, ambos concordaram em uma quantia.

Era bom fazer uma venda, e guardar mais dinheiro no bolso da camisa. Era tão bom que ela nem ficou triste ao ver o brilhante pano vermelho balançar com a brisa e desaparecer para sempre no labirinto do mercado repleto de gente.

Parvana ficou ali por mais duas horas e então sentiu vontade de ir ao banheiro. Como não tinha aonde ir no mercado, recolheu suas coisas e voltou para casa. Ela repetiu os mesmos movimentos de seu pai: guardou os objetos na bolsa, sacudiu e dobrou o cobertor. Então sentiu muita saudade dele.

— *Pai, volte para a gente!* — ela murmurou, olhando para o céu.



O sol estava brilhando. Como isso era possível enquanto seu pai mofava na cadeia?

Então alguma coisa chamou sua atenção, como um movimento rápido percebido pelo canto do olho. Talvez viesse da janela pintada de preto, mas como era possível? Parvana achou que estava imaginando coisas. Dobrou o cobertor e colocou-o debaixo do braço. Apalpou o dinheiro que tinha guardado em seu bolso.

Muito orgulhosa de si mesma, ela voltou correndo para casa.

08.

A sra. Weera tinha voltado.

— Vou trazer mi nhas coi sas para cá hoj e à tarde, Parvana. Preci so da sua ajuda — disse ela.

Parvana queria voltar para o mercado, mas ajudar a sra. Weera seria outra quebra da rotina, então ela adorou. Além disso, com a amiga por perto, mamãe voltava a ser o que era.

— A sra. Weera e eu vamos trabalhar juntas — a mãe anunciou. — Vamos criar uma revista.

— Então cada uma de nós vai ter sua função. Noori a tomará conta das crianças, sua mãe e eu nos dedi caremos ao nosso proj eto e você sá i r para trabalhar. — A sra. Weera declarou, como se tivesse escalando as posições num jogo de hóquei. — Trabalharemos como uma equipe!

Parvana mostrou o dinheiro que tinha ganhado.

— Que maravilha! — A mãe exclamou. Eu sabi a que você i a conseguiu r!

— Se fosse o papai, ganharia muito mais — disse Nooria, mas logo fechou a boca como se quisesse engolir as próprias palavras.

Parvana estava de muito bom humor para se abalar. Depois de tomarem chá e comerem **nan** no almoço, Parvana foi com a sra. Weera buscar suas coisas. A sra. Weera usava burca, mas tinha um jeito de andar tão característico que Parvana seria capaz de reconhecê-la no meio de uma praça lotada de mulheres de burca. Andava como se estivesse recolhendo crianças que ficavam pelas ruas depois da aula. Mas par a se sentir segura, Parvana não se afastava dela.

—Em geral, os talibãs não perturbam as mulheres que andam pelas ruas com crianças pequenas— disse a sra. Weera —, mas não dá para confiar muito nisso. Por sorte eu consigo correr mais que qualquer um deles. Sou capaz de vencê-los numa briga, se se meterem comigo. Já enfrentei muitos jovens no tempo em que eu ensinava. Nunca encontrei nenhum de que eu não consegui sorrir depois de um bom sermão!

— Eu vi um talibã chorar hoje de manhã — disse Parvana.

Mas suas palavras se perderam no ar enquanto as duas seguiam apressadamente pelas ruas.

A sra. Weera morava com a neta num quarto ainda menor que o de Parvana. Além do mais, era no porão de um prédio em ruínas.

— Só sobramos nós da família Weera — disse ela. - As bombas acabaram com alguns, a guerra levou outros e a pneumonia se encarregou do resto.

Parvana não soube o que dizer. Mas a sra. Weera não dava nenhuma impressão de que esperava a compaixão de quem quer que fosse.

— Consegui um **karachi** emprestado por esta tarde, mas tenho que devolver até o final do dia porque seu dono precisa dele para trabalhar. Acho que conseguimos resolver tudo com uma única viagem, não é?

Ela também tinha perdido muita coisa nos bombardeios.

— O que as bombas não destruíram, os bandidos carregaram. Isso facilita muito numa mudança, não acha?

Parvana carregou o karachi com os acolchoados feitos de retalho e objetos de cozinha. A sra. Weera já deixara tudo pronto e embalado.

— Olhe uma coisa que eles não levaram

— ela abriu uma caixa e tirou de dentro uma medalha presa a uma fita colorida.

— Ganhei isto numa competição de atletismo. Quer dizer que eu era a mulher mais rápida do Afeganistão.



Um raio de sol refletiu na superfície dourada.

—Tenho também outras medalhas — continuou a sra. Weera. — Algumas se perderam, mas ainda tenho outras.

Ela deu um suspiro, mas logo se controlou.

*— Acabou o recreio! Vamos voltar ao trabalho! No final da tarde, a sra. Weera tinha terminado a mudança e o **karachi** foi devolvido. Parvana não conseguia parar quieta depois de um dia tão agitado.*

—Vou buscar água —ela se ofereceu.

*—Você está se oferecendo para fazer alguma coisa?— Nooria provocou-a.
—Está se sentindo bem?*

Parvana ignorou o comentário.

—Mãe, posso levar M̄ryam até a bi ca?

—Dei xa, dei xa, dei xa! M̄ryam pediu, dando pulinhos. — *Eu quero ir com Parvana!*

A mãe hesitou.

PARVANA AGORA É CASSIM

—*Dei xe ela i r* — disse a sra. Weera. — *Parvana agora é um meni no. M̄ryam estará segura.*

A mãe acabou permitindo, mas antes preveniu M̄ryam.

—*Como vai chamar sua i rmã quando saí rem de casa?*

— *Cassim.*

—*Mi to bem. E quem é Cassi m?*

—*Meu pri mo.*

—*Óti mo. Não se esqueça di sso. E faça tudo o que sua i rmã mandar. Não se afaste dela, promete* M̄ryam prometeu e correu para calçar as sandálias.

— *Estão apertadas!* — ela reclamou, quase chorando.

— *Faz tempo que ela não sai de casa* — a mãe explicou à sra. Weera. — *Os pés dela cresceram.*

—*Traga- me as sandáli as e enxugue as lágri mas* disse a sra. Weera a M̄ryam.

As sandálias eram de plástico moldado numa só peça.

—Logo estarão servi ndo em Ali , então é melhor não cortar. Hbj e você sai com os pés enrolados em um pano. Amanhã Parvana comprará sandáli as de verdade para você.

Em seguida voltou-se para Fatana:

—Esta meni na devi a tomar sol todos os di as. Mús não se preocupem. Agora eu estou aqui , e logo esta famí li a toda estará em forma!

Ela falava e ia enrolando as tiras de pano ao redor dos pés da menina.

—A pele está mui to sensí vel porque faz mui to tempo que ela não sai — explicou para Parvana. — É bom tomar cuidado.

— Não sei se devíamos fazer isso... — Fatana começou a dizer, mas Parvana e sua irmã não esperaram a mãe terminar e saíram antes que mudasse de ideia.

Elas demoraram para voltar com a água. Fazia um ano e meio que M̄aryam não via nada além das quatro paredes do quarto e tudo era novidade. Seus músculos não estavam acostumados com os movimentos mais básicos. Parvana tinha de ajudá-la em cada degrau, com muito cuidado, como fazia com seu pai.

—Esta é a bi ca — ela disse para a irmã, quando chegaram.

Parvana andou um pouquinho na frente, para tirar as pedras maiores e alisar o caminho. Ela abriu a torneira e a água jorrou. M̄aryam riu. Estendeu a mão sob a bica e recolheu-a assim que a água fria tocou em sua pele. Ela olhou para Parvana com os olhos arregalados. A irmã ajudou-a a repetir o gesto. Desta vez, ela deixou a água escorrer em sua mão.

—Não beba dessa água — Parvana advertiu-a, ensinando como molhar o rosto.

M̄aryam imitou o gesto, jogando mais água na roupa do que no rosto. Ao menos se divertiu bastante.

I sso f oi suficiente para M̄aryam nessa primeira vez. No dia seguinte, Parvana levou para o mercado as sandálias dela como modelo e comprou um par maior. Encontrou um homem vendendo sandálias usadas na rua. Depois disso, M̄aryam voltou à bica diariamente com Parvana e aos poucos foi se sentindo mais forte.

Os dias entraram numa rotina. Parvana ia cedo para o mercado, voltava para almoçar e retornava ao mercado à tarde.

—Eu ficari a lá di reto, se no mercado ti vesse um banhei ro que eu pudesse usar — disse ela.

—Eu prefiro que você volte ao mei o- di a— disse a mãe. — Quero saber se está bem.

Um dia, quando trabalhava já havia uma semana, Parvana teve uma ideia:

—Mãe, quando as pessoas me vêem, pensam que sou um meni no, não é?

— Sim, era isso que queríamos.

—Então eu posso ser seu acompanhante. Posso também acompanhar Noori a. Assim vocês podem sai r de casa de vez em quando.

Parvana foi se animando cada vez mais com essa ideia. Se Nooria se exercitasse um pouco mais, talvez não fosse tão implicante e resmungona. É claro que não ficaria ao ar livre sob a burca, mas ao menos mudaria alguma coisa.

—Excelente i dei a!— exclamou a sra. Weera.

—Eu não quero que você sej a meu acompanhante — Nooria começou, mas a mãe a impediu de continuar.

—Noori a, Ali preci sa sai r um pouco. Parvana consegue cui dar de M̄ryam, mas Ali é mui to agi tado. Só você consegue dar conta dele.

—Você também deve sai r de vez em quando, Fatana— insistiu a sra. Weera, mas a mãe não respondeu.

Por amor a Ali, Nooria concordou. Todo dia, após o almoço, Parvana, Nooria, Ali e M̄ryam passaram a sair à rua por uma hora. Ali tinha poucos meses de idade quando os talibãs tomaram o poder. A única coisa que ele conhecia era o quartinho em que a família vivera fechada por um ano e meio. E durante todo esse tempo Nooria também não tinha saído mais.

Andavam pela redondeza até se cansar. Depois se sentavam ao sol. Quando não havia ninguém por perto, Parvana ficava vigiando enquanto Nooria levantava a burca para deixar o sol bater no rosto.

—Eu ti nha esqueci do como i sso é bom— disse ela.

Se não havia fila na bica, Nooria dava banho nas crianças lá mesmo e poupava Parvana do esforço de carregar água. Às vezes, a sra. Weera levava sua neta, e as três crianças tomavam banho juntas.

O trabalho tinha dias melhores e piores. Às vezes, Parvana ficava sentada durante horas sem que aparecesse um único freguês. Ganhava menos dinheiro do que o pai costumava trazer para casa, mas a família estava conseguindo comer, mesmo que na maior parte dos dias fosse apenas **nan** e chá. As crianças estavam com um aspecto muito mais saudável. A saída diária para tomar sol e respirar o ar fresco fazia bem a todos, embora Nooria achasse mais difícil agora cuidar delas dentro de casa. Tinham muito mais energia e a toda hora queriam sair, o que era impossível se Parvana estivesse trabalhando.

No final do dia, Parvana entregava à mãe o dinheiro que tinha ganhado. Às vezes ela própria comprava nan ou qualquer outra coisa ao voltar para casa.

Os argumentos da sra. Weera finalmente a convenceram. Parvana gostava muito de ter a mãe só para si, mesmo que conversassem pouco sobre outros assuntos que não fossem quanto de óleo podiam comprar ou se o dinheiro daria para comprar sabão. Parvana adorava ir ao mercado. Gostava de ver as pessoas andando pelas ruas, de ouvir rabos de conversa que chegavam a seus ouvidos, de ler as cartas que as pessoas lhe traziam.

Outras vezes - e Parvana preferia assim - a mãe ia com ela ao mercado fazer as compras da casa.

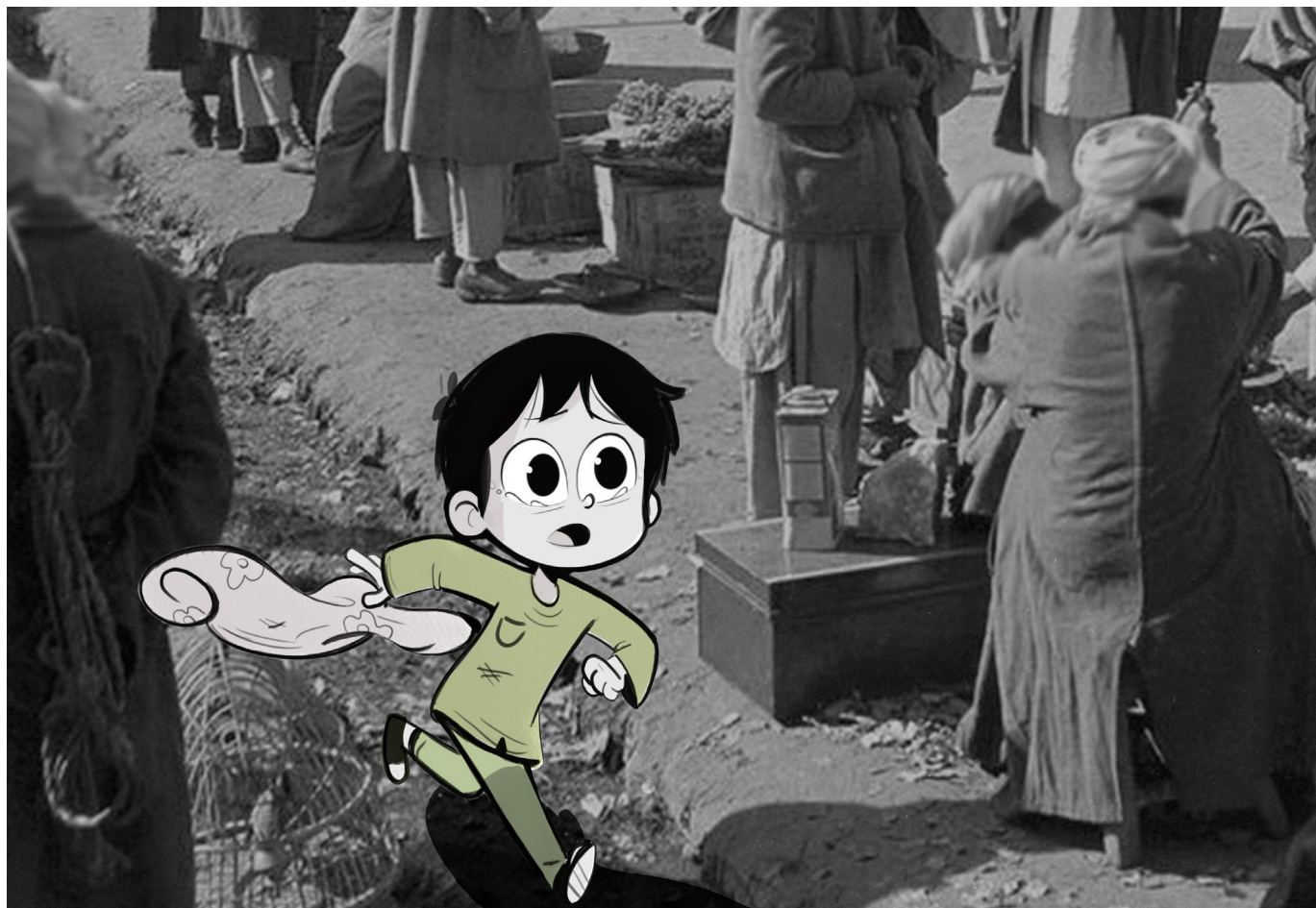
Mas sentia muita saudade do pai.

À medida que o tempo foi passando começou a se acostumar com a ideia de que ele tinha ido embora. Uma coisa que ajudava era o fato de estar sempre muito ocupada. Em casa não se falava muito nele, mas de vez em quando ouvia sua mãe ou Nooria chorando. Certa vez, Maryam teve um pesadelo e acordou chamando pelo pai. Levou muito tempo para que a mãe conseguisse fazê-la dormir de novo.

Então, uma tarde, Parvana viu seu pai no mercado! Ele andava na frente e já ia se afastando, mas Parvana tinha certeza de que era ele.

— **PAI!**
Eu estou aqui.
PAI!

— gritou, saltando do cobertor como se fosse mola e correndo atrás.



Ela correu no meio da multidão, empurrando as pessoas para poder passar; até finalmente alcançá-lo.

—Pai ! Que bom que você está vivo! Dei xaram você sair da prisão?

—Quem é você, menino?

Ao erguer a cabeça, Parvana viu um rosto estranho e recuou.

— Pensei que fosse meu pai — ela explicou, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

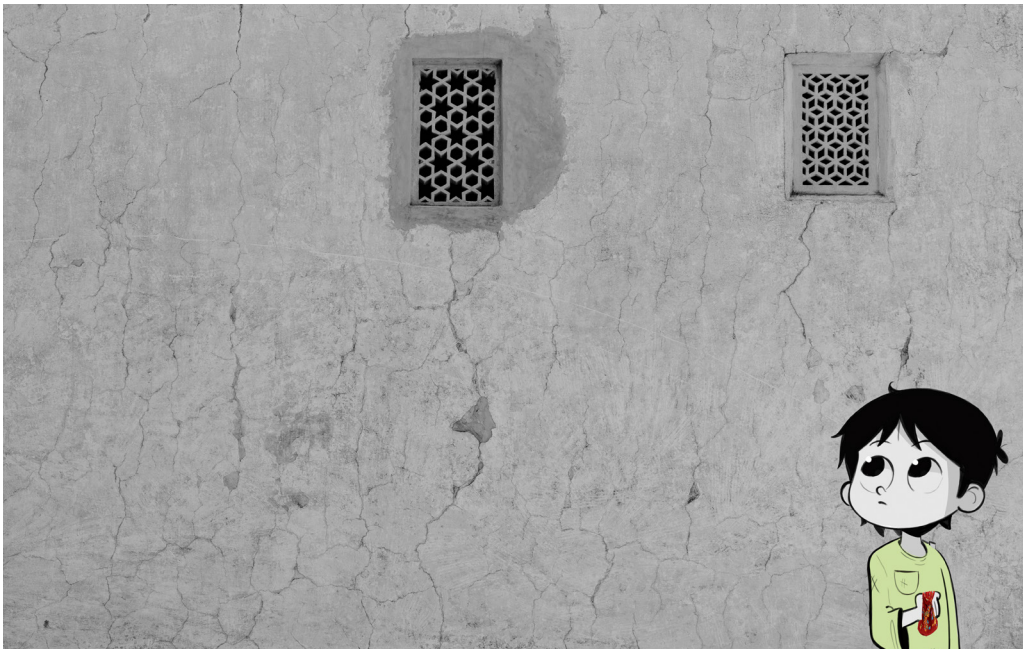
O homem pôs a mão sobre o ombro dela.

—Você parece ser um bom menino. Que pena que não sou seu pai ... E em seguida ele perguntou em voz baixa: *—Seu pai está preso?*

—Às vezes eles soltam algumas pessoas. Não perca as esperanças.

O homem disse aquilo e seguiu seu caminho. Parvana voltou para o seu cobertor.

Uma tarde, ela já ia recolher o cobertor para voltar para casa quando reparou numa pequena mancha colorida na lã cinzenta. Abaixou-se para pegar. Era um quadrado de tecido bordado que não tinha mais que cinco centímetros. Era a primeira vez que via aquilo. Enquanto imaginava de onde poderia ter vindo, seus olhos foram atraídos para a janela onde, uma semana antes, achava ter visto um movimento de relance. Mas agora não havia nada.



O vento devia ter trazido aquele pedacinho de bordado até seu cobertor, embora não houvesse vento nenhum.

Alguns dias depois, não foi possível pôr a culpa no vento quando encontrou uma pulseira de contas sobre o cobertor, no final da tarde. Ela ergueu a cabeça para a janela. Estava aberta. Parvana se aproximou para olhar melhor e no quadrado estreito viu o rosto de uma mulher. Ela sorriu rapidamente para Parvana. Em seguida, puxou a janela e fechou.

Poucos dias depois, de seu cobertor ela olhava os meninos que vendiam chá, correndo de um lado para o outro entre os fregueses e a loja de chá. Estava rindo de alguma coisa quando um deles tropeçou ao seu lado e derrubou a bandeja de xícaras vazias sobre seu cobertor.

O garoto esparramou-se no chão, na frente de Parvana. Ela o ajudou a recolher as xícaras, que haviam rolado para longe. Quando foi lhe dar a bandeja, viu o rosto dele pela primeira vez e deixou escapar uma exclamação.

O vendedor de chá era uma menina que estudava na sua classe.

09.

—*Shauzi a?* — Parvana sussurrou.

—*Me chame de Chafic. E como devo lhe chamar?*

—*Cassi m. O que está fazendo aqui ?*

—*O mesmo que você, sua boba! Olha, tenho que voltar para a loja de chá. Você aí vai ficar bastante tempo?*

Parvana assentiu com a cabeça.

— *Então depois eu volto.* — Shauzia recolheu suas coisas e voltou para a loja.

Parvana continuou onde estava, sem se mover, olhando a colega de classe misturar-se aos outros meninos do chá. Só olhando muito atentamente é que conseguia distingui-la dos outros. Então, para evitar que alguém lhe perguntasse por que estava olhando tanto, Parvana voltou-se para outra direção. Shauzia desapareceu no meio da multidão.

Parvana e Shauzia não eram muito amigas na escola. Tinham turmas diferentes. Parvana lembrava que a colega era boa em ortografia, mas não tinha certeza.

Então havia mais garotas como ela em Cabul! Tentou se lembrar da família de Shauzia, mas talvez não a conhecesse. Não conseguiu se concentrar nos dois últimos clientes do dia e só relaxou quando finalmente viu Shauzia correndo na sua direção.

—*Onde você mora?* — ela perguntou.

Parvana apontou com o dedo.

—*Vamos recolher as coisas e conversar pelo caminho. Olhe, eu trouxe isto para você.*

Shauzia lhe deu um pequeno embrulho contendo alguns damascos secos, que havia muito tempo Parvana não comia.

Ela contou. Tinha um para cada pessoa de sua casa, e mais um para comer agora. Ela mordeu e um sabor delicioso inundou sua boca.

— *Obrigada!*

Ela guardou os outros damascos no bolso, junto com o dinheiro do dia, e começou a se preparar para ir embora. Não havia nenhum presente sobre o cobertor. Parvana não se importou. Ver Shauzia já era um grande acontecimento para um único dia!

—*Há quanto tempo você faz isso?*— Shauzia perguntou, quando começaram a se afastar.

—*Há quase um mês. E você?*

—*Há seis meses. Meu irmão foi para o Irã procurar trabalho há um ano e não tivemos mais notícias dele. Meu pai morreu do coração. Então tive que trabalhar.*

— *E meu pai foi preso.*

—*Teve notícias dele?*

— *Não. Estivemos na prisão, mas não nos disseram nada. Não temos notícia nenhuma.*

— *E provavelmente nem vão ter. Não se tem notícia nenhuma da maioria dos presos. Eles simplesmente desaparecem. Eu tenho um tio que desapareceu.*

Parvana segurou o braço de Shauzia, obrigando-a a parar.

— **Meu pai**
vai
voltar

— disse.
— **Ele**
vai
voltar!

—*Está bem. Talvez com seu pai seja diferente. Como vão os negócios?*

Parvana continuou a andar. Era mais fácil falar de negócios do que de seu pai. — Alguns dias são bons, outros são ruins. Você ganha um bom dinheiro trabalhando como menino do chá?

—*Não muito. Há muitos meninos, então não precisamos pagar bem. E, se trabalhássemos juntos talvez conseguíssemos pensar em um jeito melhor de ganhar dinheiro.*

Parvana lembrou-se dos presentes deixados sobre o cobertor.

—*Eu gostaria de continuar lendo cartas, pelo menos durante uma parte do dia. Mas pode haver alguma coisa que possamos fazer juntos o resto do tempo.*

—*Eu gostaria de vender coisas. Assim, poderia me movimentar por entre a multidão. Mas antes preciso ter dinheiro para comprar um tabuleiro e mercadorias para vender, e nunca sobra.*

—*O meu também não sobra. Será que dá mesmo para ganhar dinheiro desse jeito?*

Às vezes o dinheiro não dava nem para comprar querosene, então não se podia acender as lamparinas, o que tornava as noites muito compridas.

—*Pelo que ouço os outros dizem, eu ganharia mais do que ganho, mas de que adianta falar sobre isso? Você tem saudade da escola?*

As duas conversavam sobre as antigas colegas quando dobraram a esquina da rua da casa de Parvana, aquela que terminava no monte Parvana. Parecia como nos velhos tempos, quando Parvana e seus amigos voltavam juntos da escola, queixando-se dos professores e reclamando do dever de casa.

— *Eu moro aqui* — disse Parvana, mostrando a escada de acesso do prédio. — *Vamos subir para você cumprimentar todo mundo.*

Shauzia olhou para o sol tentando adivinhar as horas. Está bem. Vou só dizer olá e sair correndo. Se sua mãe quiser que eu fique para o chá, você tem que dizer que não posso.

Parvana prometeu, e as duas subiram pela escada.

Todos se surpreenderam quando as duas entraram em casa. Receberam Shauzia como se fossem uma velha amiga, mas Parvana achava que nunca tinham sido apresentados.

— *Desta vez dei xô você sair sem comer* — disse a mãe —, *mas agora você sabe onde moramos e vai prometer que trará sua família para almoçar um dia conosco.*

— *Só restam minha mãe e duas irmãs menores* — disse Shauzia. — *Minha mãe não sai de casa. Está mui to doente. Nós estamos morando com os pais do meu pai e uma de suas irmãs. Eles vivem brigando. Tenho sorte de poder sair para trabalhar.*

— *Você será bem-vinda aqui a qualquer hora* — disse Fatana.

— *Você ainda estuda?* — perguntou a sra. Weera.

— *Meus avôs são contra a educação para meninas, e como estamos morando com eles, minha mãe disse que temos que fazer o que disserem.*

— *Mas eles não se importam que você saia para trabalhar vestida como um menino?*

Shauzia deu de ombros. — *Eles comem a comida comprada com o meu dinheiro. Como poderiam se importar?*

— *Estou pensando em começar uma pequena escola aqui* — disse a sra. Weera, para surpresa de Parvana. — *Uma escola secreta, para poucas crianças, durante algumas horas por semana. Por que você não vem? Parvana avisará quando for começar.*

— *E os **talibãs**?*

— *Os talibãs não serão convidados.* A sra. Weera riu da própria piada.

— *E o que a senhora vai ensinar?*

— *Hóquei* — Parvana respondeu. — *A sra. Weera era professora de educação física.*

A ideia de ter uma escola secreta de hóquei naquele pequeno apartamento era tão absurda que todos riram. Shauzia ainda estava rindo quando seguia no caminho para a sua casa.

Havia muito para se conversar no jantar daquela noite.

— *Hóquei* — Parvana respondeu. — *A sra. Weera era professora de educação física.*

A ideia de ter uma escola secreta de hóquei naquele pequeno apartamento era tão absurda que todos riram. Shauzia ainda estava rindo quando seguia no caminho para a sua casa.

Havia muito para se conversar no jantar daquela noite.

— *Temos que conhecer a mãe dela* — disse a mãe. — *Eu gostaria de escrever sua história para a nossa revista.*

— *E como vocês vão publicá-la?* — Parvana perguntou.

A sra. Weera encarregou-se de responder.

— *Vamos levar as matérias escondidas para o Paquistão, onde elas serão impressas. Depois traremos as revistas de volta, algumas por vez.*

— *E quem fará esse levar e trazer?* Parvana perguntou, já temendo que a tarefa sobrasse para ela.

Afinal, se a haviam transformado num menino, podiam ter outras ideias também.

— *Outras mulheres da nossa organização* — respondeu a mãe. — *Recebemos visitas enquanto você estava no mercado. Alguns dos maridos de nossas amigas apoiam nosso trabalho e podem nos ajudar.*

Nooria tinha algumas ideias para a escola. Antes ela planejava se formar professora quando terminasse o ensino médio, mas os **talibãs** a obrigaram a mudar de ideia. O pai dera aulas para ela e Parvana por algum tempo depois que as escolas fecharam, porém ele não estava bem de saúde e a experiência não foi adiante.

— *Eu poderei ensinar matemática e história* — disse Nooria. — *A sra. Weera ensina matemática, e a mamãe, a ler e escrever.*

Parvana não gostava da ideia de ter Nooria como professora. Ela seria ainda mais mandona do que já era! Por outro lado, não se lembrava de tê-la visto tão empolgada com alguma coisa. Então preferiu se calar.

Parvana e Shauzia se encontravam quase diariamente no mercado. Parvana esperava pela amiga porque era muito tímida para correr no meio dos meninos do chá à procura dela. Elas planejavam algum dia ter dinheiro para comprar tabuleiros e mercadorias, mas nenhuma delas sabia como fazer isso.

Certo dia, quando Parvana esperava um novo freguês, algo caiu em sua cabeça. Ela recolheu rapidamente, e depois de se certificar que ninguém estava olhando, parou para ver o último presente da Mulher da Janela. Era um lindo lenço branco com bordados vermelhos.

Parvana ia erguer a cabeça e sorrir em agradecimento, caso a Mulher da Janela estivesse olhando, quando Shauzia chegou correndo.

—O que é isso?

Rapidamente Parvana guardou o lenço no bolso.

—Nada. Como foi seu dia?

—Normal, mas tenho novidades. Alguns meninos do chá descobriram um jeito de ganhar dinheiro. Muito dinheiro.

—Como?

—Você não vai gostar. Na verdade, eu também não gostei, mas pagará muito mais do que ganhamos até agora.

—O que é?

Shauzia contou. O queixo de Parvana caiu. E estava certa: Parvana não gostou mesmo.

10.

Ossos. Elas iam desenterrar OSSOS.

—Não sei se isso é uma boa ideia — Parvana comentou com Shauzia na manhã seguinte.

Ela levava consigo o cobertor e o material de escrever de seu pai. Como não tinha contado à mãe que ia procurar ossos, não havia motivo para deixar em casa seu material de trabalho.

—Ainda bem que você trouxe o cobertor. Podemos usá-lo para embrulhar os ossos — disse Shauzia, ignorando os temores de Parvana. — Vamos. É melhor nos apressarmos ou ficaremos para trás.

Até que não seria má ideia ficar para trás, pensou Parvana, lançando um rápido olhar na direção da janela escura de sua amiga secreta. Mas resolveu descer e seguiu Shauzia, que corria na frente para alcançar o grupo. O céu estava nublado. As crianças andaram durante quase uma hora, por ruas que Parvana nunca passara, até chegarem a uma área de Cabul totalmente destruída pelos bombardeios. Não havia nenhum edifício inteiro, apenas montes de entulho, poeira e cascalho.

As bombas também tinham caído no cemitério e abalado os túmulos. Por toda parte, ossos de pessoas que haviam morrido há muito tempo despontavam na terra vermelha. Um bando de corvos negros grassava e ciscava em volta dos túmulos destruídos. O ar estava impregnado de um mau cheiro. Na parte velha do cemitério, Parvana e Shauzia viram os meninos se espalharem e começarem a cavar.

Parvana notou que um homem estava montando uma balança ao lado de uma parede parcialmente destruída.

—*Quem é ele?*

—*É o comprador de ossos.*

—*E o que ele faz com os ossos?*

—*Vende para outras pessoas.*

—*Por que alguém compraria ossos?*

—*O que importa? Desde que ele nos pague...* Shauzia deu um pedaço de madeira a Parvana que seria usado para cavar.

—*Vamos trabalhar. Elas se aproximaram do primeiro túmulo.*

—*E se...se ainda tiver um corpo lá dentro? Quer dizer, e se ainda não forem ossos?*— perguntou Parvana, visivelmente apavorada.

—*Vamos procurar ossos que estejam saindo da terra. Elas saíram procurando e não demoraram a encontrar.*

—*Abra o cobertor* - disse Shauzia. —*Vamos pôr os ossos em cima e depois fazemos uma trouxa.*

Parvana fez o que a outra pediu, embora quisesse voltar para o mercado e sentar-se sob a janela de sua amiga secreta. As meninas trocaram olhares, cada uma esperando que a outra tomasse a iniciativa.

—*Vimos aqui para ganhar dinheiro, certo?*— disse Shauzia.

Parvana concordou.

—*Então vamos ganhar* — a outra concluiu.

Shauzia agarrou um osso que saía do chão e puxou. Saiu como se fosse uma cenoura colhida na horta. Ela jogou-o sobre o cobertor.

Para não ficar atrás, Parvana começou a cavar. As bombas já tinham feito a maior parte do trabalho. Muitos ossos estavam apenas parcialmente cobertos de terra e saíam facilmente.

—Eles não vão se importar de fazermos isso?— Parvana perguntou.

—Quem?

—Quem está enterrado aqui. Eles não vão se importar de ser desenterrados?

Shauzia apoiou-se no seu pedaço de pau.

—Depende. Se era uma pessoa má, egoísta, acho que não vai gostar. Mas se era uma pessoa boa e generosa, não verá problema.

—Você se importaria?

Shauzia abriu a boca para responder, mas desistiu e continuou a cavar. Parvana não perguntou mais nada. Pouco depois, Parvana desenterrou uma caveira.

— Ei, olhe só isto! — Ela começou a cavar com o pedaço de madeira, depois continuou com a mão para não danificar sua descoberta. Por fim, ergueu-a como um troféu diante de Shauzia.

—Ela está sorrindo.



—É claro que está. Está feliz por poder ver a luz do dia depois de tanto tempo. Você está feliz, dona Caveira? Parvana moveu a caveira para cima e para baixo. — Viu? Eu não disse?

—Ponha em cima da pedra. Ela vai ser o nosso mascote. Parvana pôs a caveira cuidadosamente sobre uma lápide quebrada.

—Faz de conta que ela é nosso chefe e está vigiando pra ver se estamos fazendo tudo direitinho.

Depois de esvaziar o primeiro túmulo, elas foram para o segundo, levando junto dona Caveira. Não demorou para que ela ganhasse uma companheira. Quando o cobertor já estava cheio de ossos, havia cinco caveiras enfileiradas sorrindo para elas.

— *Preciso ir ao banheiro* — disse Parvana. — *O que faço?*

— *Eu também preciso* - Shauzia olhou ao redor. — *Lá tem uma porta — ela mostrou, apontando para um prédio arruinado. — Vá você primeiro, eu ficarei cuidando.*

— *Cuidando de mim?*

— *Cuidando dos ossos.*

— *Será que posso mesmo?*

— *Ninguém está olhando para você. Ou vai ou fica segurando.*

Parvana assentiu e deixou no chão o pedaço de madeira que estava usando para cavar. Depois de se certificar de que não havia ninguém por perto, ela se dirigiu para o local.

— *Ei, Cassim! Parvana viu-se para trás. — Cuidado com as minas terrestres* - Shauzia lembrou-a.

Parvana sorriu. Shauzia devia estar brincando, mas não custava ficar de olhos bem abertos.

— *Há mais minas em Cabul do que flores* — seu pai costumava dizer.

— *As minas terrestres são tão comuns quanto pedras e podem explodir sem aviso prévio. Você viu o que aconteceu com seu irmão.*

Parvana lembrou-se também de quando alguém das Nações Unidas esteve na sua classe para mostrar os diferentes tipos de minas terrestres. Ela se lembrava de que algumas pareciam brinquedos: eram minas especiais para matar crianças.

Da porta, Parvana espiou do lado de dentro. Estava tudo escuro. Os soldados costumavam deixar minas dentro de prédios quando evacuavam uma área. Teria alguma lá dentro? Será que explodiria sob seus pés?

Parvana tinha três opções. Uma era não ir ao banheiro até chegar em casa. Impossível; não conseguiria segurar por mais tempo. A outra opção seria urinar do lado de fora, onde poderiam vê-la e descobrir que era uma menina. A terceira e última era entrar naquele lugar escuro, fazer o que precisava secretamente e torcer para aquilo não explodir. Ela escolheu a terceira opção. Respirou fundo, murmurou uma oração e entrou. Nada explodiu.

—Encontrou alguma mi na? —Shauzi a perguntou quando ela voltou.

— Chutei todas que estavam no meu caminho — Parvana brincou, embora ainda estivesse tremendo.

Quando Shauzia retornou de sua incursão no prédio arruinado, elas embrulharam os ossos no cobertor, juntamente com as caveiras, e foram procurar o comprador de ossos com sua balança. Ele teve que encher o prato da balança três vezes para pesar tudo que haviam desenterrado. Depois, somou, estipulou um preço e contou o dinheiro.

Parvana e Shauzia não abriram a boca até se verem bem longe da barraca do comerciante de ossos. Tinham medo de que ele tivesse errado nas contas e dado dinheiro demais.

— Na semana passada, tive que trabalhar Ires dias para ganhar essa quantia — disse Parvana.

—Eu não di sse que nós i rí amos ganhar di nhei ro?! Shauzia estava exultante dividindo o pagamento com Parvana. — Paramos por hoje ou vamos conti nuar cavando?

— Vamos continuar cavando, claro.

A mãe estaria esperando para o almoço, mas Parvana pensaria em algo para dizer.

No meio da tarde, as nuvens se abriram e o sol brilhou no cemitério. Parvana chamou a atenção de Shauzia para olhar por sobre os túmulos revirados, os meninos suados, sujos de terra, e os ossos muito brancos empilhados ao lado deles.

— Vamos nos lembrar disso — disse Parvana. Quando tudo melhorar e estivermos crescidas, vamos lembrar que um dia estivemos num cemitério desenterrando ossos para alimentar nossa família.

—E quem vai acredi tar na gente?

—Não sei , mas nós sabemos que é verdade. —Quando esti vermos velhi nhas e ri cas, nós duas vamos tomar chá e conversar sobre este di a. Apoi adas em seus pedaços de madei ra, elas olhavam as outras cri anças cavando. Então o sol se escondeu atrás das nuvens e as duas voltaram ao trabalho. Antes de o dia terminar, elas tinham enchido mais um cobertor.

— Se dermos todo o dinheiro em casa, nunca vamos conseguir comprar nosso tabuleiro — disse Shauzia. — Acho que devemos guardar uma parte.

—*Você vai contar à sua mãe o que fizemos hoje?*

— *Não* — disse Shauzia.

— *Nem eu* — emendou Parvana. — *Vou dar à minha mãe a quantia de todos os dias, talvez um pouco mais. Mas tarde eu lhe contarei tudo, mas não agora.*

Elas se separaram depois de combinar o encontro na manhã seguinte, para mais um dia de escavações. Mas antes de ir para casa, Parvana passou na bica. Suas roupas estavam sujas. Ela limpou-se o melhor que pôde, tirou o dinheiro do bolso e dividiu-o em dois maços. Uma parte pôs outra vez no bolso para entregar à mãe. A outra escondeu no fundo da bolsa, junto do material de escrever de seu pai.

Feito isso, enfiou a cabeça sob a água da bica na esperança de lavar também as imagens de tudo o que seus olhos viram naquele dia. Mas bastava fechá-los para ver dona Caveira e suas amigas, enfileiradas sobre a lápide, sorrindo para ela.

11.

—*Você está toda molhada* — disse Maryam, assim que Parvana entrou em casa.

—*Está tudo bem com você?* — perguntou a mãe, aproximando-se depressa. —*Onde você estava? Por que não veio almoçar?*

—*Eu estava trabalhando* — respondeu Parvana.

Ela tentou fugir, mas a mãe segurou-a com firmeza.

—*Onde você estava?* — a mãe repetiu. Ficamos aqui esperando, temendo que você tivesse sido presa.

No mesmo instante, tudo o que ela tinha visto e feito no decorrer daquele dia voltou-lhe à mente. Parvana abraçou a mãe e começou a chorar. A mãe apertou-a nos braços até que se acalmasse e conseguisse falar.

—*Agora conte onde você esteve hoje.*

Parvana sabia que não seria capaz de contar se ficasse de frente para sua mãe, então encostou-se na parede e começou.

—*Estava cavando túmulos.*

—*Estava fazendo o quê?* — Nooria indagou.

Parvana afastou-se da parede e sentou no **toshak**. Então contou tudo o que tinha feito durante o dia.

—*Você vi u ossos de verdade?* — perguntou Maryam.

A sra. Weera fez um sinal para que a pequena se calasse.

Esse foi o ponto a que chegamos no Afeganistão — disse a mãe. — Desenterramos os ossos dos nossos antepassados para dar de comer a nossas famílias!

— *Os ossos são usados para tudo — explicou a sra. Weera. — Para alimentar as galinhas, fazer óleo de cozinha, sabão e botões. Eu pensava que os ossos usados para tudo i sso eram de ani mai s, não de gente. Mas acredi to que os humanos também são ani mai s.*

— *E valeu a pena?* — Nooria quis saber. — *Quanto você ganhou? Pri mei ro, Parvana mostrou o dinheiro que estava em seu bolso, depois pegou o restante dentro da bolsa. Pôs tudo no chão para que todos vi ssem.*

— *Tudo i sso para desenterrar ossos de túmulos — comentou a sra. Weera, suspirando.*

— *Amanhã você voltará a ler cartas. Não quero mai s saber dessa hi stóri a de desenterrar ossos!* — a mãe ordenou. — *Não precisamos de tanto dinheiro.*

— *Não!* — Parvana disse a sua mãe.

— *Como? Não entendi .*

— *Não quero parar ainda. Shauzia e eu queremos comprar tabuleiros e mercadori as para vender neles. Assi m, poderei sai r andando para of erecê-las às pessoas, em vez de esperar que elas venham até mi m. Posso ganhar mais dinheiro.*

— *Estamos vi vendo mui to bem com o que você ganha lendo cartas.*

— *Não, mãe, não estamos não —* Nooria manifestou-se.

A mãe virou-se para repreendê-la, mas Nooria continuou.

— *Não temos mai s nada para vender. O que Parvana ganha dá para o **nan**, o arroz e o chá, mas não sobra nada. Temos que pagar o aluguel, o gás, o querosene para as lamparinas. Se ela consegue ganhar mais dinheiro assim, e se está di sposta a fazer esse servi ço, acho que devemos permi ti r.*

Dessa vez foi Parvana quem se espantou. Nooria estava do seu lado? Isso nunca havia acontecido antes.

— *Fico feliz por seu pai não estar aqui para ouvi-la falar comigo com tanto desrespeito!*

—*Exatamente, aí é que está...*disse a sra. Weera, com delicadeza.

—*Opai delas não está aqui . Estamos vi vendo tempos di f í cei s. E as pessoas preci sam fazer coi sas extraordi nári as para sobrevi ver.*

No final, a mãe acabou cedendo.

—*Mas quero que me conte tudo o que acontece* — ela disse a Parvana.

— *Registraremos na revista para que todos saibam.*

Desse dia em diante, Parvana passou a levar um pedaço de **nan** para o almoço, “*j á que você não vai mesmo voltar ao mei o- di a*” Mas embora ela sentisse muita fome durante o dia, não conseguia comer no meio dos ossos. Dava o nan para um dos muitos mendigos de Cabul, para que pelo menos alguém aproveitasse aquela comida.

Ao final de duas semanas, Parvana já tinha o suficiente para comprar um tabuleiro com tiras para pendurar no pescoço.

— *Temos de vender coisas que não pesem muito,* disse Shauzia.

Elas decidiram vender cigarros que podiam ser comprados em pacotes e vendidos por maço. Também vendiam chicletes - em pacotinhos e, às vezes, em tabletes. Caixas de f ósf oro preenchiam os espaç os vazios nos tabuleiros.

—*Acabaram- se meus di as de meni no de chá!*— Shauzia comemorou.

—*Eu fico f eli z só por sai r daquele cemi téri o*— disse Parvana.

Ela já estava aprendendo a andar equilibrando o tabuleiro. Não queria que sua preciosa mercadoria caísse no chão.

Quando terminava a sua primeira manhã em que voltou a ler cartas, Parvana sentiu alguma coisa cair em sua cabeça.

“A pontari a está melhorando”, pensou Parvana. *“Ela acertou duas vezes seguiu das.”*

Dessa vez, o presente foi uma conta vermelha de madeira. Parvana girava a conta nos dedos, pensando em quem a jogara.

Não tendo mais trabalho no cemitério, Parvana voltou a sair com Nooria e as crianças depois do almoço. Algo havia mudado em Nooria. Fazia tempo que ela não dizia mais aquelas coisas implicantes.

“Ou então quem mudou fui eu,” pensou. Discutir com Nooria não fazia mais sentido

À tarde, Parvana e Shauzia se encontravam para andar por Cabul em busca de fregueses. Não ganhavam tanto dinheiro quanto no cemitério, mas dava para o gasto. Parvana começou a conhecer bem melhor a cidade.

— Veja quanta gente — Shauzia apontou na direção do ginásio de esportes. Era uma tarde de sexta-feira.

Centenas de pessoas se dirigiam para lá.

— Que maravilha! — exclamou Parvana. *— Essa gente toda vai querer fumar e mascar chicletes enquanto assiste ao jogo de futebol! Vamos vender tudo.*

Elas correram para o portão do estádio sem derrubar nada dos tabuleiros. Os soldados talibãs estavam pondo as pessoas para dentro, mandando se apressarem. Empurravam todo mundo pelos portões, brandindo seus cassetetes para que andassem depressa.

— Vamos evitar esses caras — sugeriu Shauzia. Ela e Parvana se esconderam atrás de um grupo de homens e conseguiram entrar no estádio. As arquibancadas estavam quase lotadas. As duas se intimidaram com tanta gente e ficaram uma perto da outra, enquanto subiam os degraus para vender as mercadorias.

— Está si lenci oso demais para um jogo de futebol — Shauzia comentou.

— O jogo ainda não começou. Só vão começar a gritar quando os jogadores entrarem em campo. Parvana lá ti nha visto alguns jogos na televisão e sabia que as pessoas torciam e gritavam nas arquibancadas.

Mas ninguém estava torcendo. E ninguém parecia muito contente por estar ali.

— Isto está muito estranho — Parvana cochichou no ouvido de Shauzia.

— Veja!

Um grande número de soldados talibãs passou por elas em direção ao campo. Elas se abaixaram de modo que pudessem ver o campo sem ser vistas pelos talibãs.

Vamos embora daqui — Shauzia sussurrou.

—Ninguém está comprando nada. Não sei por quê, mas estou ficando com medo.

—Assim que o jogo começar nós saímos— disse Parvana. Se tentarmos sair agora, todo mundo vai ver.

O campo encheu-se de homens, mas não eram jogadores de futebol. Muitos eram conduzidos por outros, com as mãos amarradas nas costas. Dois soldados entraram com uma mesa que parecia ser muito pesada.

— Eu acho que são prisioneiros — Shauzia comentou.

—E o que eles vi eram fazer num jogo de futebol? Parvana perguntou, desconfiada.

Shauzia ergueu os ombros.

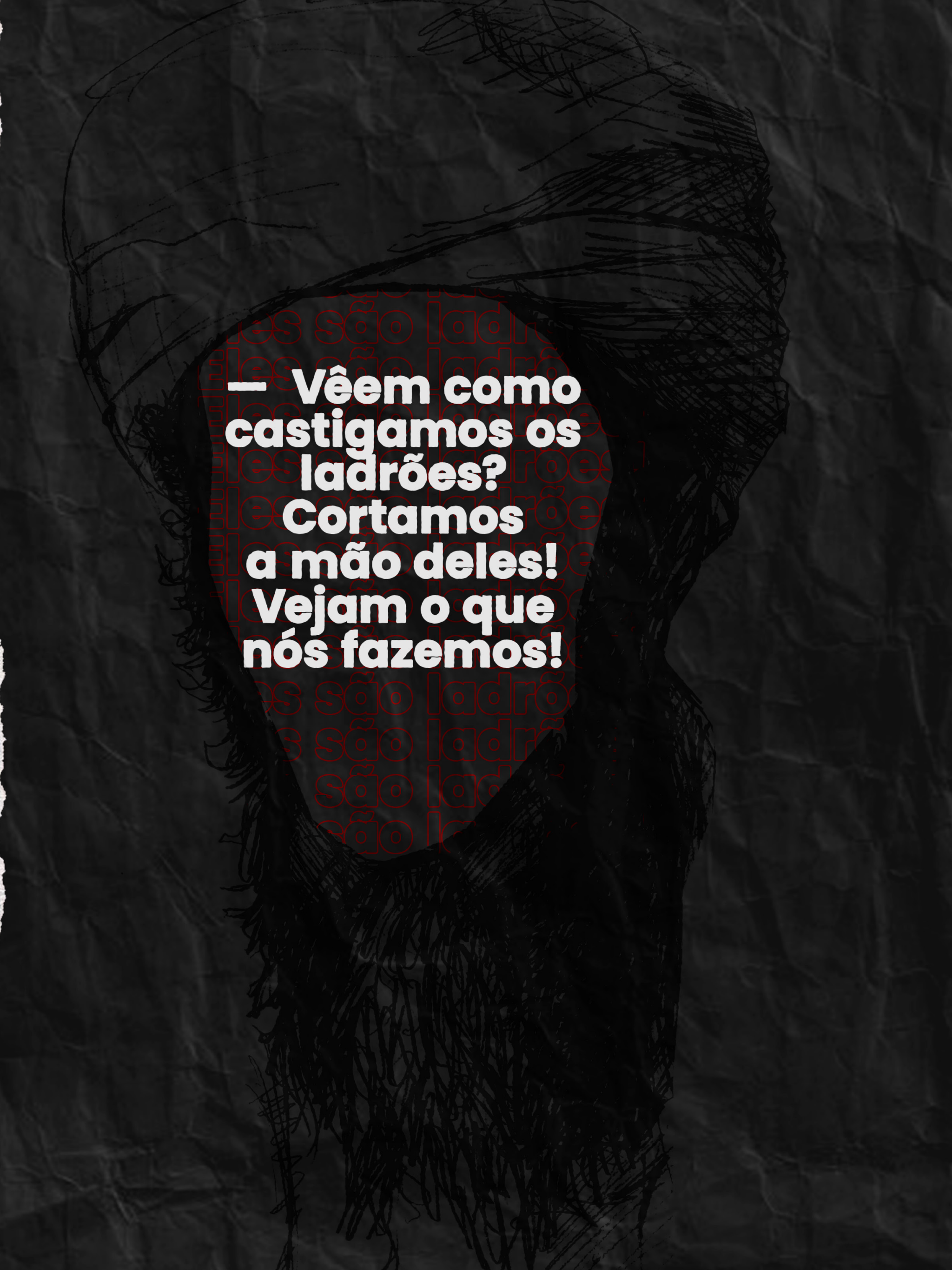
Um homem foi desamarrado e obrigado a se aproximar. Os soldados seguraram os braços dele esticados em cima da mesa. Parvana não imaginava o que pudesse estar acontecendo. Afinal, onde estavam os jogadores de futebol?

De repente, um soldado sacou uma espada, ergueu-a bem alto e baixou-a com toda a força sobre o braço do homem. O sangue espirrou para todo lado. O homem berrou de dor.

Shauzia começou a gritar. Parvana tapou a boca da amiga e a puxou para o chão. O estádio inteiro estava em silêncio. A torcida não fazia nenhum ruído.

—Abai xem a cabeça, meni nos di sse uma voz bondosa.— Vão ter muito tempo para ver essas coisas quando ficarem mais velhos.

Os cigarros e chicletes se espalharam pelo chão, e as pessoas mais próximas ajudaram a recolher. Parvana e Shauzia estavam encolhidas no chão e só ouviram o choque da espada contra seis outros braços.



**— Vêem como
castigamos os
ladrões?
Cortamos
a mão deles!
Vejam o que
nós fazemos!**

Vamos embora daqui — Shauzia sussurrou.

—Ninguém está comprando nada. Não sei por quê, mas estou ficando com medo.

—Assim que o jogo começar nós saímos— disse Parvana. Se tentarmos sair agora, todo mundo vai ver.

Parvana e Shauzia não olharam. Ficaram de cabeça abaixada até que a mesma voz bondosa voltou a falar:

— Pronto. Acabou por mais uma semana. Podem se levantar.

Parvana e Shauzia foram cercadas por homens que as acompanharam para fora do estádio.

Já no portão, Parvana viu um jovem talibã, que nem barba tinha, levando uma corda na qual estavam amarradas quatro mãos cortadas, como contas de um colar. Ele ria e mostrava seu troféu para a multidão. Ela esperava que Shauzia não tivesse visto.

— Vão para casa, meninos — disse o homem bondoso. *— Vão para casa e tentem pensar em coisas melhores.*

12.

Parvana ficou uns dias em casa. Saiu para buscar água, ia com Nooria levar as crianças para tomar sol, mas fora isso só queria ficar com a família.

— Estou precisando de um descanso, mãe. Não quero ver nada feio por algum tempo.

A mãe e a sra. Weera sabiam das coisas que aconteciam no estádio por relato de outras mulheres. Algumas delas tinham maridos ou irmãos que estiveram lá.

—Acontece todas as sextas-feiras— disse Fatana. —Em que século estamos vivendo?

Parvana quis perguntar se seu pai também seria levado para lá, mas desistiu. A mãe não sabia responder.

Nesses dias em que ficou em casa, ela ensinou Maryam a contar, tentou aprender a remendar roupas com Nooria e ouviu as muitas histórias que a sra. Weera contava. Não eram tão boas quanto as de seu pai. A maioria era sobre jogos de hóquei ou outros eventos esportivos, mesmo assim eram interessantes. E a sra. Weera contava com tanto entusiasmo que contagiava todo mundo.

Ninguém lhe disse nada quando acabou o pão em casa. Mas justo nesse dia ela se levantou e foi trabalhar. Não tinha jeito: algumas coisas não podiam deixar de ser feitas.

—Que bom que você voltou! — disse Shauzia, quando encontrou Parvana no mercado. — Senti sua falta. Onde você andou?

— *Não estava com vontade de trabalhar, ela respondeu — Precisava descansar por alguns dias.*

—*Eu também gostari a de poder descansar um pouco, mas mi nha casa é mais barulhenta que aqui.*

—*Sua famí li a conti nua bri gando?*

Shauzia confirmou com a cabeça.

—*Meus avós nunca gostaram de mi nha mãe e agora dependem dela. Por i sso ficam tão rabugentos. Mãmãe fica de mau humor porque temos que morar com eles, j á que não temos nenhum outro lugar para i r. Então fica todo mundo mal. Mesmo quando não estão di scuti ndo, eles ficam de caa feia uns com os outros.*

Parvana pensou que em sua casa muitas vezes tinha alguém andando de um lado para o outro, apertando os lábios e segurando as lágrimas. Mas na casa de Shauzia parecia ser pior.

—*Posso lhe contar um segredo?* — perguntou Shauzia.

Elas se sentaram numa mureta.

— *Eu estou juntando dinheiro, um pouco por dia. Vou embora daqui.*

—*Para onde? Quando?*

Shauzia ficava batendo o pé no muro, mas Parvana a fez parar. Tinha visto os talibãs surrarem uma criança que batia numa tábua como se fosse um tambor. Eles detestavam qualquer coisa que se aproximasse de música.

—*Vou ficar até a próxi ma pri mavera. Até lá terei economi zado bastante di nhei ro, e é melhor não vi aj ar no i nverno.*

—*Será que ai nda vamos ter de fingi r ser meni nos na próxi ma pri mavera? Falta muito tempo.*

— *Quero continuar a ser menino* — disse Shauzia. — *Se eu voltar a ser meni na, terei de ficar trancada em casa. E não vou suportar.*

—*Para onde você vai ?*

—Por que a França?

O rosto de Shauzia se iluminou.

—Em todas as fotos da França que vi, o sol está brilhando, as pessoas sorriem, as flores são lindas. As pessoas que vi em na França também devem ter dias ruins, mas não acho que sejam tão ruins... não tanto quanto aqui. Eu vi uma foto de um campo coberto de flores lindas. É para lá que quero ir. Quero andar por aquele campo, sentar-me no meio das flores e não pensar em mais nada.

Parvana esforçou-se para se lembrar do mapa do mundo.

—Eu acho que não dá para chegar até a França de navio.

—É claro que dá, eu já planejei tudo. Vou me juntar aos nômades, dizer que sou órfão e chegar ao Paquistão. Meu pai me contou que os nômades se deslocam com as estações, em busca de pastagem para as ovelhas. Estando no Paquistão, vou até o mar da Arábia entro num navio e parto para a França!

Ela falava como se não existisse nada mais simples.

—Pode ser que o primeiro navio não vá diretamente para a França, mas me levará para longe daqui. Depois tudo será mais fácil.

—Você vai sozinha?? Parvana não conseguiu pensar em fazer uma viagem dessas sem a companhia de alguém.

—Quem vai reparar num pobre órfão? — Shauzia perguntou. — Ninguém prestará atenção em mim. Só espero não ter tido essa ideia tarde demais.

—Como assim?

—Eu já estou crescendo... — ela falou em voz baixa.

—Meu corpo está mudando. Se mudar muito, serei menina de novo e ficarei presa aqui. Você acha que eu vou crescer logo? Talvez seja a melhor ideia embora antes da primavera. Não quero que as coisas comecem a aparecer em mim de repente.

Parvana não queria que Shauzia fosse embora, mas tentou ser sincera com a amiga.

— Não lembro como foi que aconteceu com Nooria. Só notei que o cabelo dela cresceu. Mas parece que não cresce de repente. Acho que você tem tempo.

Shauzia voltou a chutar o muro. Então se levantou para resistir à tentação.

— É com isso que estou contando.

—Você vai deixar sua família? Como é que eles vão comer?

— Não posso fazer nada! — Shauzia ergueu a voz para não chorar. — Eu tenho que sair daqui. Sei que por isso sou má, mas o que é que eu posso fazer? Eu morrerei se ficar aqui.

Parvana se lembrou das discussões de seus pais: a mãe querendo sair do Afeganistão, o pai insistindo em ficar. Pela primeira vez Parvana se perguntou por que sua mãe não tinha simplesmente abandonado tudo e ido embora. Mas imediatamente imaginou a resposta: não iria fugir deixando quatro filhos para trás.

—Eu quero voltar a ser uma criança como as outras— disse Parvana.

—Sentar numa sala de aula, voltar para casa e comer a comida que alguém trabalhou para comprar. Queria ter meu pai perto de mim o tempo todo. Queria era ter uma vida normal, daquelas bem chatas.

— Eu acho que nunca mais vou me sentar numa sala de aula — Shauzia comentou. — Não depois de tudo isso. — Ela arrumou o tabuleiro de cigarros. —Você não vai contar para ninguém o meu segredo, vai?

Parvana fez que não com a cabeça.

—Não quer vir comigo? - Shauzia perguntou. — Podemos cuidar uma da outra.

— Não sei.

Parvana podia até sair do Afeganistão, mas não seria capaz de abandonar a família. Certamente não.

—Eu também tenho um segredo.

Ela enfiou a mão no bolso e tirou os presentes que receberá da mulher da janela. Então contou de onde eles tinham vindo.

—Puxa! — exclamou Shauzia. — Isso é um mistério de verdade. Quem será? Pode ser uma princesa...

—*Talvez a gente possa salvá-la!* — Parvana sugeriu.

Ela se viu subindo pela parede, quebrando com os punhos a janela pintada e ajudando a princesa a sair. Ela estaria usando seda e jóias Parvana a faria montar num cavalo veloz e as duas saíram galopando por Cabul, em meio a uma nuvem de poeira.

— *Vou precisar de um cavalo veloz* — disse.

—*Serve um daqueles?* — perguntou Shauzia, mostrando um rebanho de ovelhas de pelos compridos, que reviravam o lixo do mercado.

Parvana riu, e elas voltaram ao trabalho.

Por sugestão de sua mãe, Parvana tinha comprado frutas secas e nozes. Nooria e Maryam as puseram dentro de saquinhos, o suficiente para uma pessoa. Parvana os vendia no cobertor e no tabuleiro.

À tarde ela e Shauzia saíam andando pelo mercado, tentando vender. Às vezes elas iam para o ponto de ônibus, mas lá a concorrência era grande. Havia muitos meninos vendendo coisas. Eles abordavam pessoas diretamente, parando na frente delas e dizendo:

— *Compre chicletes! Compre frutas! Compre cigarros!*

As duas eram tímidas demais para isso. Preferiam esperar que os fregueses as notassem.

Parvana estava cansada. Queria estar na escola se aborrecendo numa aula de geografia. Queria estar com suas amigas, conversando sobre os deveres de casa, brincando ou sonhando com o que fariam nas férias. Não queria saber de mortes, de sangue ou de dor.

A praça do mercado não era mais interessante, já não achava mais graça se alguém começasse a brigar com um burrico teimoso. Não queria mais ouvir os trechos de conversa das pessoas que passavam. Em todo canto havia gente com fome, gente doente. Mulheres cobertas pela burca sentavam-se no chão para mendigar, com seus bebês no colo.

Isso não acabava nunca. Não eram como as férias de verão que um dia acabavam e a vida voltava ao normal. O normal era isso. E disso Parvana já estava farta.

Começou o verão em Cabul. As flores brotavam pelo chão sem se importar com os talibãs ou com as minas terrestres. E se abriam da mesma maneira que faziam em tempos de paz.

A casa de Parvana, com uma janela tão pequena, era muito quente nos longos dias de junho, e as crianças ficavam irritadas nas noites de calor. Até Maryam perdia o bom humor e ficava chorando à toa, com os dois menores. Parvana se sentia aliviada por poder sair pela manhã.

Mas o verão também trazia para Cabul as frutas dos vales férteis - aqueles que não tinham sido dizimados pelos bombardeios. Parvana levava frutas deliciosas para casa, quando conseguia ganhar um pouco mais. Uma semana eles comeram pêssegos, na outra, ameixas.

As estradas desobstruídas traziam à cidade comerciantes de todo o país. De seu ponto na praça do mercado ou quando andava com Shauzia vendendo cigarros, Parvana via pessoas das mais variadas regiões, desde Bamyan, no deserto de Registan, perto de Kandahar, até o corredor Wakhan, já perto da China.

Às vezes essas pessoas compravam seus cigarros ou suas frutas secas. Outras a procuravam para ler ou escrever alguma coisa. Parvana sempre lhes perguntava de onde eram e como viviam, para poder contar quando chegasse em casa. Alguns falavam do clima, outros, de lindas montanhas, dos campos de papoula ou dos pomares carregados. Mas também falavam da guerra, das batalhas que tinham presenciado e das pessoas que tinham perdido. Parvana lembrava-se de tudo para contar em casa.

Algumas mulheres, sua mãe e a sra. Weera estavam começando uma escola secreta. Os talibãs a fechariam se descobrissem, por isso Nooria e a sra. Weera tinham tanto cuidado. A escola só tinha cinco alunas, incluindo Maryam. Todas mais ou menos da mesma idade. As aulas eram dadas em dois grupos, nunca no mesmo horário dois dias seguidos. Às vezes as alunas vinham ao encontro de Nooria, outras, ela as procurava. De vez em quando Parvana a acompanhava. Outras vezes ela levava Ali.

—*Ele está mui to grande para ser levado no colo Noori a* — comentou com Parvana certo dia em que a mãe tinha permitido que Nooria deixasse Ali em casa, para descansar um pouco. Elas só tinham levado Maryam, que não dava trabalho.

—*Como estão suas alunas? —Não podem aprender mui to com tão poucas horas por semana* — Nooria respondeu. — *E não temos nenhum livro ou materi al escolar. Mesmo assi m, é melhor que nada.*

Os presentes jogados da janela continuavam aterrissando no cobertor de Parvana. Podia ser um pedaço de tecido bordado, ou de doce, ou uma conta.

Como se a mulher da janela dissesse: “Ainda estou aqui” da única maneira possível. Todo dia, quando saía do mercado, Parvana examinava o cobertor para ter certeza de que nada havia rolado dentro dele.

Uma tarde, ouviu vozes vindas do alto. Um homem estava muito zangado. Gritava com uma mulher, que chorava muito. Parvana ouviu barulho de golpes e mais gritos. Ela não pensou duas vezes para se levantar e erguer a cabeça em direção à janela. Mas nada pôde ver do outro lado daquele vidro pintado.

—*O que acontece na casa de um homem não é da conta de mai s ni nguém, só dele di sse alguém atrás dela.*

Parvana se virou para um homem que lhe entregava um envelope.

—*Esqueça i sso e preste atenção ao seu trabalho. Eu tenho uma carta para você ler.*

Ela pensou em contar em casa sobre o incidente, mas não teve oportunidade. Sua família tinha algo para lhe anunciar.

**Você não
imagina:
Nooria vai
se casar!**

disse-lhe a mãe.

13.

—*Mis você nem conhece esse sujeito!* — Parvana argumentou com Nooria no dia seguinte, quando saíram depois do almoço.

Era a primeira chance que elas tinham de conversar sobre o assunto.

—*Conheço sim. Afamili dele e a nossa foram vizinhos por muito tempo.*

—*Mis quando ele era criança. Eu pensei que você qui fosse continuar estudando.*

— *Eu vou continuar estudando* — disse Nooria. — *Não ouviu o que mamãe disse ontem? Eu vou morar no norte, em **Mazar-i-Sharif**. Os talibãs não estão naquela região. Lá, as meninas ainda podem ir à escola. Os pais delas são pessoas instruídas; vou poder terminar a escola e depois eles vão me mandar para a universidade em Mazar.*

—*Você quer mesmo fazer isso?*

Tudo isso estava escrito numa carta que havia chegado enquanto Parvana estava fora trabalhando. Como a mãe do noivo fazia parte do grupo das amigas de Fatana, a carta passou por muita gente até finalmente chegar às mãos dela. Parvana também lera a carta, mas ainda tinha uma porção de dúvidas.

Nooria fez que sim com a cabeça.

—Vej a o que é mi nha vi da aqui , Parvana. Eu odei o ter que vi ver sob o domí ni o dos tali bãs. Estou farta de tomar conta das cri anças. M nhas aulas para as cri anças são tão esporádi cas que perdem todo o seu valor. Não há futuro para mi m aqui . Em Mizar, ao menos poderei estudar, andar pelas ruas sem usar a burca e até consegui r um emprego quando me formar. Talvez em Mizar eu possa ter uma vi da melhor É verdade, eu quero mesmo me casar.

Nos dias que se seguiram discutiu-se muito sobre o que aconteceria depois. Parvana, trabalhando na rua, nunca participava dessas conversas. Apenas era informada sobre as decisões quando chegava em casa.

—Vamos a Mizar para o casamento —anunci ou a mãe. Fi caremos com sua tia durante os preparativos da festa. Depois, Nooria vai viver com sua nova família e nós voltamos a Cabul em outubro.

— Não podemos sair de Cabul! — exclamou Parvana. —E papai ? O que acontecerá se ele sai r da pri são e não nos encontrar aqui ? Não vai nem saber onde nos procurar...

—Eu ficarei aqui — disse a sra. Weera. —Di rei a seu pai onde vocês estão e cui darei dele até vocês voltarem.

—Não mandarei Noori a sozi nha para Mizar — a mãe decretou. — E como você ai nda é uma cri ança, vi rá conosco.

— Eu não vou! — Parvana teimou, batendo o pé no chão.

—Você fará o que eu mandar — a mãe ordenou. —Essa hi stóri a de ficar pelas ruas está vi rando a sua cabeça.

— Eu não vou para Mazar!

— Parvana repetiu, batendo o pé outra vez.

—J á que seus pés querem se mexer, aprovei te para levá- los para um passeio — disse a sra. Weera. —Vá buscar um pouco de água.

Parvana pegou o balde e, com certa satisfação, bateu a porta ao sair. Por três dias ficou amuada. Finalmente, a mãe lhe disse:

—Pode desmanchar essa cara feia. Resolvemos deixar você aqui. E não foi por causa de seu mau comportamento. Uma criança de onze anos não diz à mãe o que fazer. Resolvemos deixar você aqui porque vai ser muito difícil explicar essa aparência. Sua tia é capaz de guardar segredo, mas não podemos confiar em todo mundo. Não podemos arriscar que isso se espalhe e alguém acabe ouvindo alguma coisa.

Embora estivesse feliz por permanecer em Cabul, Parvana descobriu que também estava frustrada porque não a levariam.

—Parece que mais nada me deixaria feliz agora— ela disse a Shauzia no dia seguinte.

—Eu também sinto isso. Pensei que se conseguisse ter um tabuleiro para vender mercadorias ficaria feliz. Mas não estou. Estou ganhando mais dinheiro do que ganhava comomeni no chá, mas não tanto que chegue a fazer diferença. Ainda passamos fome. Minha família continua brigando. Nada melhorou.

—E o que fazer?

—Sei lá. Alguém podi a jogar uma bomba enorme sobre este país para começar tudo de novo.

—Já tentaram — disse Parvana. — E só piorou as coisas.

Uma das mulheres do grupo viajaria com a mãe e a irmã de Parvana para a cidade de Mazar. O marido da mulher também iria, como acompanhante oficial do grupo. Para os talibãs diziam que Fatana era irmã dele e Nooria, Ali e Maryam, sobrinhos.

Pela última vez, Nooria limpou o armário da casa. Parvana ficou olhando enquanto ela preparava suas coisas para a viagem.

—Se tudo correr bem, estaremos em Mazar em dois dias— disse Nooria.

—Você está com medo? — Parvana perguntou. — É uma longa viagem.

— Fico pensando no que pode dar errado, mas mamãe diz que tudo vai correr bem.

Elas viajarão na carroceria de um caminhão.

— Assim que sairmos de território talibã, vou arrancar minha burca e rasgá-la em milhões de pedacinhos.

No dia seguinte, Parvana foi ao mercado comprar a comida que a família levaria na viagem. E também um presente para Nooria. Andou pelo mercado procurando alguma coisa, olhando tudo o que estava à venda. Finalmente se decidiu por uma caneta que vinha num estojo coberto de miçangas.

Quando Nooria a usasse na universidade, e mais tarde, quando fosse professora formada e trabalhasse numa escola, se recordaria de Parvana.

—Vamos passar quase todo o verão lá — a mãe lembrou, na véspera da partida. —Você ficará bem com a sra. Weera. Faça tudo o que ela mandar e não crie problemas.

—Parvana e eu seremos óti mas companhei ras. Quando você voltar, a revi sta terá voltado do Paqui stão e estará pronta para ser di stri buí da.

A família acordou muito cedo no dia seguinte. Era uma linda manhã de julho, mas prometendo um dia de muito calor.

— É melhor irmos logo — disse a mãe.

Como as ruas ainda estavam vazias, a mãe, Nooria e a sra. Weera estavam com as burcas erguidas, o rosto exposto.

Parvana beijou Ali, que não parava de se mexer e resmungar por ter sido acordado tão cedo. A mãe deitou-o comodamente na carroceria do caminhão. Parvana despediu-se de Maryam e a ajudou a subir também.

— Em setembro estaremos de volta — disse a mãe, abraçando Parvana. — Prometa-me que vai ficar bem.

—Pode ficar tranqui la, eu prometo— disse Parvana, segurando o choro.

— Não sei quando nos veremos de novo — disse-lhe Nooria, antes de subir. Ela apertava na mão o presente que a irmã lhe dera.

— Não vai demorar — disse Parvana, tentando sorrir, mas com lágrimas escorrendo pelo rosto. —Quando seu mari do descobri r como você é mandona, vai devolver você para cá— brincou.

Nooria riu e subiu na carroceria. Ela e a mãe se cobriram com as buscas. A mulher da organização e seu marido iriam na cabine do motorista. Parvana e a sra, Weera ficaram acenando até o caminhão desaparecer.

—*Acho que nós merecemos tomar um chá* — disse a sra. Weera.

As duas voltaram para casa.

Para Parvana, as semanas que se seguiram foram muito estranhas. Apenas com ela, mais a sra. Weera e sua neta, o apartamento ficava vazio. Com menos gente, menos barulho, menos trabalho e mais tempo livre, Parvana sentia saudade até do choro de Ali. À medida que os dias foram passando, ela não via a hora de todos voltarem.

Mas ter mais tempo para si mesma era bom. Pela primeira vez, desde que o pai tinha sido preso, ela tirou os livros do esconderijo secreto e passava as noites lendo ou ouvindo as histórias da sra, Weera.



—*Em algumas regiões do país, meninas da sua idade já estão se casando e tendo filhos* — a mulher lhe dizia. —*Se você precisar de mim, estarei aqui. Mas se quiser se responsabilizar por si mesma, melhor ainda.*

Ela insistia em que Parvana guardasse uma parte do dinheiro que ganhava para gastar como quisesse. Algumas vezes ela então convidou Shauzia para almoçar numa das barracas de **kebab** do mercado. As duas encontraram um lugar seguro para fazer suas necessidades fisiológicas e assim podiam ficar o dia inteiro trabalhando. Parvana preferia voltar para casa só no fim do dia, em vez de ir na hora do almoço. Assim, mais um dia se passava e logo sua família estaria de volta.

No final de agosto houve uma grande tempestade. Shauzia já tinha voltado para sua casa. Ela viu o céu escurecer e não quis se molhar. Parvana não foi tão precavida e acabou tomando chuva. Ela porém protegeu o tabuleiro com os braços para não molhar os cigarros e se enfiou no meio das ruínas de um prédio bombardeado. Ficaria lá esperando a chuva passar e depois iria para casa.

A escuridão do lado de fora tornava tudo muito mais sombrio naquele lugar. Levou um tempo para que seus olhos se acostumassem. Ela esperou encostada na porta, olhando a chuva transformar em lama a poeira de Cabul.

As rajadas de vento obrigaram Parvana a entrar um pouco mais para não se molhar. Torcendo para que ali não houvesse minas, ela encontrou um canto seco e se sentou. A chuva constante batendo no chão embalou seu sono. Em pouco tempo, estava dormindo.

Quando acordou, a chuva tinha parado, mas o céu continuava escuro.

—*Já deve ser tarde.*— ela disse em voz alta.

Então ouviu um choro de mulher.

14.

Era um choro baixo e muito triste.

—*Olá?* — ela chamou.

Olá?

Olá?

Olá?

Olá?

Olá?

Olá?

Olá?

Olá?

Olá?

Estava muito escuro para enxergar onde a mulher estava sentada. Parvana procurou no tabuleiro uma caixa de fósforos que era vendida com os cigarros. Acendeu um e ergueu a chama, para tentar procurar pela mulher que chorava.

Foi preciso acender três fósforos até ver uma pessoa encolhida, encostada na parede. Parvana continuou acendendo fósforos até se aproximar da mulher.

—*Qual é seu nome?* — perguntou.

A mulher não respondeu e continuou chorando.

—*O meu é Parvana. Mas deveri a dizer que é Cassim, porque estou fingindo que sou menino. Me vesti de menino para poder ganhar algum dinheiro, mas na verdade sou menina. Agora você já sabe o meu segredo.*

A mulher não disse nada. Parvana virou-se para a porta já era tarde. Se quisesse estar em casa antes do toque de recolher, teria que sair agora.

— *Venha comigo* — disse Parvana. — *Minha mãe está vindo, mas a sra. Wera está em casa. Ela ajudará a resolver o seu problema.*

Parvana riscou outro fósforo e ergueu-o na frente do rosto da mulher. Então se deu conta de que estava mesmo diante do rosto dela. Não estava coberto.

—*Onde está sua burca?* — ela olhou em volta, mas não viu nada. — *A senhora saiu sem a burca?*

A mulher fez que sim com a cabeça.

—*O que está fazendo na rua sem burca? Pode se meter em encrenca por isso.*

A mulher só moveu a cabeça.
Parvana teve uma ideia.

—Vamos fazer o seguinte: vou até em casa e trago a burca da sra. Wera. Depois nós vamos juntas para a minha casa, está bem?

Parvana começou a se levantar, mas foi agarrada pelo braço. Outra vez ela olhou lá fora e viu que era quase noite.

—Preciso dizer a sra. Wera onde estou. Tudo bem se eu ficar fora durante o dia, mas se eu não voltar à noite ela ficará preocupada.

Nem assim a mulher soltou.

Parvana não sabia o que fazer. Não podia ficar no prédio a noite toda, mas a pobre mulher assustada não queria ficar sozinha. Então ela conseguiu encontrar no tabuleiro dois saquinhos de frutas secas e nozes.

— Coma isto — disse, entregando um deles para a mulher. — Vamos conseguir pensar melhor depois de comer.

A mulher engoliu as frutas e nozes quase de uma vez só.

— A senhora deve estar morrendo de fome — disse Parvana, dando a ela outro saquinho.

Por fim, a menina tomou uma decisão:

—Não vejo outra opção. Se a senhora tiver uma ideia melhor, me diga. Se não, vamos fazer o seguinte: esperamos até escurecer de vez. Depois vamos juntas para a minha casa. Você tem um xador?

A mulher meneou a cabeça negativamente. Parvana desejou estar com o seu pakul, mas, por ser verão, ela o deixará em casa.

—Está bem assim? — Parvana insistiu.

A mulher concordou com a cabeça.

—Óti mo. Então vamos ficar perto da porta. Assim será mais fácil chegar até a rua sem precisar acender fósforo. Não queremos chamar a atenção.

Com jeito, Parvana pegou no braço dela e obrigou-a a se levantar. Cuidadosamente elas se acomodaram ao lado da porta, mas num canto escondido da vista de quem passasse. E ali esperaram o cair da noite.

Cabul era uma cidade muito escura. Havia mais de vinte anos vivia sob o toque de recolher. Muitos postes de luz tinham sido destruídos pelas bombas e, dos que ainda estavam de pé, poucos funcionavam.

— Cabul era o lugar mais quente da Ásia Central — os pais de Parvana costumavam contar. — Nós saímos às ruas à meia-noite, para tomar sorvete. Antes, passeávamos pelas livrarias e lojas de discos. Era uma cidade cheia de luzes, de progresso e animação.

Parvana nem conseguia imaginar como teria sido. Em pouco tempo ficou tudo escuro.

— Fique bem junto de mim — disse Parvana, mas nem precisava.

A mulher apertava sua mão com força.

— Não é longe, mas não sei quanto tempo levaremos para chegar, à noite. Mas não se preocupe. — ela sorriu, fingindo coragem. Mesmo que estivesse muito escuro para a mulher enxergar seu sorriso, Parvana sentiu-se melhor.

Isso também ajudava, embora fosse difícil se sentir uma heroína de batalha com um tabuleiro de cigarros pendurado no pescoço.

As ruelas estreitas e tortuosas do mercado eram muito diferentes no escuro. Parvana podia ouvir o eco de seus passos. Ia pedir à mulher para andar mais devagar, porque os talibãs consideravam crime que as mulheres fizessem barulho ao andar, mas mudou de ideia.

Se fossem pegadas na fila após o toque de recolher, e uma mulher sem a burca e nem ao menos alguma coisa para cobrir a cabeça, o barulho que elas estivessem fazendo seria o menor de seus problemas, Parvana lembrou-se das cenas no estádio. Não queria nem pensar no que os talibãs fariam com ela e sua companheira.

“Sou Milali li derando as tropas por terri tóri o i ni mi gø,” ela murmurou para si mesma.

Parvana viu faróis se aproximando e puxou a mulher para uma outra porta, até o caminhão de soldados passam várias vezes elas tropeçaram na calçada irregular. Por um longo minuto, de fazer parar o coração, Parvana acreditou estar perdida. Mas por fim se localizou, e elas continuaram andando.

Ao chegar à rua de sua casa, Parvana começou a correr arrastando a mulher atrás de si. A essa altura ela estava tão assustada que, se não chegasse em casa naquele momento, teria um colapso.

—Você está de volta! A sra. Weera estava tão aliviada que abraçava Parvana e a mulher, sem perceber o que fazia. — Você trouxe alguém! Seja muito bem-vinda, minha querida. — Então a sra. Weera observou melhor. —Parvana, você a trouxe pelas ruas assim? Sem a burca?

Parvana contou o que tinha acontecido.

— Ela deve estar com problemas — explicou. A sra. Weera não hesitou e pôs o braço em volta da mulher.

—Saberemos os detalhes mais tarde. Tem água quente para se lavar e comi da quente para jantar. Você não parece ser muito mais velha que Parvana!

Parvana olhou para ela. Ainda não a tinha visto sob a Luz. Parecia ser um pouco mais nova que Nooria.

Parvana apanhou um **shalwar kameez** de sua mãe no armário enquanto a sra. Weera levava a moça para o banheiro.

Enquanto isso, Parvana repôs o estoque de mercadorias com seu tabuleiro para o dia seguinte, depois estendeu a lona de refeições no chão. Quando acabou de pôr o **nan** e as xícaras de chá, a sra. Weera voltou com a hóspede.

Vestida com roupas limpas, o cabelo lavado e penteado, ela parecia menos assustada e mais cansada. Só conseguiu beber meia xícara de chá e comer algumas colheres de arroz antes de cair no sono.

Ela ainda dormia quando Parvana saiu para trabalhar na manhã seguinte.

—*Pegue um pouco de água para mim, queri da*— a sra. Weera pediu, antes de Parvana ir para o mercado. — *As roupas dela precisam ser lavadas.*

Finalmente, à noite, após o jantar, a moça conseguiu falar.

—*Meu nome é Homa* — ela disse. — *Consegui fugir de Mazar-i-Sharif logo depois que os talibãs tomaram a cidade.*

—*Os talibãs tomaram Mazar!* — Parvana exclamou. — *Não pode ser! Minha mãe está lá. Meus irmãos estão lá.*

—*Os talibãs estão em Mazar* — Homa repetiu. — *Eles foram de casa em casa procurando irmãos. Foram à minha casa. Entraram, lá dentro! Pegaram meu pai e meu irmão e os arrastaram para fora. E atiraram neles bem no meio da rua. Minha mãe começou a bater neles, e atiraram nela também. Eu entrei correndo e me escondi no guarda-roupa. Fiquei lá por muito, muito tempo. Pensei que fossem me matar também, mas já tinham terminado na minha casa. Começaram a matar pessoas em outras casas. Depois de muito tempo, eu sai do guarda-roupa e fui até a rua. Havia corpos espalhados por toda parte. Alguns soldados passaram de caminhão. Eles nos proibiram de recolher os corpos dos nossos parentes e até mesmo de cobri-los. Mandaram-nos ficar dentro de casa. Eu estava com tanto medo de que eles voltassem para me buscar! Quando escureceu, corri lá para fora. Fui correndo de prédio em prédio, me escondendo dos soldados. Havia corpos por toda parte. Os cães selvagens começaram a comer alguns dos corpos, então as calçadas estavam cobertas por pedaços de carne humana. Vi um deles levando um braço na boca! Eu não consegui enfrentar mais nada. Havia um caminhão parado na rua, com o motor ligado. Eu pulei na carroceria e me escondi no meio da carga. Não importava para onde o caminhão estava indo, nenhum lugar poderia ser pior do que onde eu estava. Eu viajei por muito, muito tempo. Então vi que estava em Cabul. Saltei do caminhão e me escondi no prédio onde Parvana me encontrou.*

Homa começou a chorar.

—Eu dei xei eles lá! Dei xei mi nha mãe, meu pai e meu irmão lá pas cachorros comerem!

A sra. Weera abraçou Homa, mas não havia nada que a consolasse. Ela chorou até dormir de exaustão. Parvana nem se mexia. Não conseguia falar. Só conseguia era imaginar sua mãe e seus irmãos mortos numa cidade estranha.

— Não vamos pensar que aconteceu alguma coisa ruim com a sua família, Parvana — disse a sra. Weera. — Sua mãe é uma mulher inteligente e forte; Noori também. Precisamos acreditar que elas estão vivas. Não vamos perder as esperanças!

Parvana já estava desconsolada. E fez o que sua mãe faria: foi engatinhando para o **toshak**, cobriu-se com uma colcha e resolveu ficar lá para sempre.

Durante dois dias ela não se levantou.

— É o que as mulheres da nossa família fazem quando estão tristes — disse ela à sra. Weera.

— Mas não ficam aí para sempre — lembrou a sra. Weera. — Elas se levantam e continuam lutando.

Parvana não respondeu. Não queria se levantar. Estava cansada de continuar lutando. No começo, a sra. Weera foi gentil com ela, mas estava muito ocupada com Homa e a neta. Na tarde do segundo dia, Shauzia foi até a casa delas.

—Que bom que você apareceu — disse a sra. Weera, mostrando Parvana deitada.

Elas saíram do apartamento para conversar, longe dos ouvidos dela. Depois buscaram ainda dois baldes de água.

Shauzia sentou-se no toshak ao lado de Parvana.

Durante um tempo falou de coisas triviais: como andavam as vendas, as conversas que tivera com alguns meninos do chá. Finalmente disse:

—Não gosto de trabalhar sozi nha. O mercado não é o mesmo quando você não está. Você não vai voltar?

Parvana sabia que não podia recusar e que uma hora teria que se levantar. Não era de seu feitio ficar deitada no **toshak** até a morte. Ao mesmo tempo que queria sumir para sempre, queria também se levantar, viver e continuar a ser amiga de Shauzia. Bastou um pouco de insistência para esse lado falar mais alto.

Parvana levantou-se da cama e continuou a ser como sempre foi. Trabalhava no mercado, buscava água, ouvia as histórias da sra. Weera e começava a conhecer Homa. Fazia tudo isso porque não sabia o que mais fazer. Mas fazia tudo como se vivesse um pesadelo horrível - um pesadelo que não terminava pela manhã.

Então, certa tarde, Parvana voltou do trabalho e viu dois homens ajudando seu pai a subir as escadas até o apartamento. Ele estava vivo. Ao menos uma parte do pesadelo tinha terminado.

15.

Quase não dava para reconhecer o homem que voltava da prisão.

Quase não dava para reconhecer o homem que voltava da prisão, mas Parvana sabia quem ele era. Embora seu **shalwar kameez** branco estivesse cinza e esfarrapado, o rosto encovado e pálido, ainda era seu pai. Ela agarrou-se a ele com tanta força que teve de ser afastada pela sra. Weera, para que ele pudesse se deitar.

— Nós o encontramos caído no chão, do lado de fora da prisão - os homens contaram à sra. Weera. — Os talibãs o soltaram, mas ele não podia ir a nenhum lugar sozinho. Ele nos disse onde morava, então eu e meu amigo o pusemos em nosso **karachi** e o trouxemos.

Parvana deitou-se no **toshak** com o pai, abraçando-o e chorando. Sabia que os homens tinham entrado e estavam tomando chá, mas só se lembrou das boas maneiras quando eles se levantaram para sair, antes do toque de recolher.

Então foi falar com eles.

— Obrigada por trazerem meu pai de volta — disse.

Eles se foram. Parvana ia se deitar novamente ao lado do pai, mas a sra. Weera a impediu.

—Dei xe- o descansar. Teremos tempo para conversar amanhã.

Parvana obedeceu, mas demorou alguns dias de cuidados da sra. Weera para que o pai dela começasse a melhorar. Ele estava muito doente e cansado para falar. E tossia muito.

—A pri são devi a ser fri a e úmi da— disse a sra. Weera.

Parvana a ajudava a preparar um caldo quente e ela própria dava na boca do pai, até que ele se recuperou e passou a conseguir comer sozinho.

—Agora você é mi nha filha e meu filho — disse ele, quando já pôde notar a nova aparência de Parvana.

Ele passou as mãos pelo cabelo curto dela e sorriu.

Parvana ia inúmeras vezes até a bica. Tinham batido muito em seu pai, e os panos que a sra. Weera usava para cobrir as feridas precisavam ser trocados e lavados com frequência. Homa também ajudava, principalmente cuidando da neta da sra. Weera para que ele pudesse descansar.

Parvana não se importava que seu pai ainda não pudesse falar. Ela estava muito feliz só de tê-lo em casa. Passava os dias trabalhando para ganhar dinheiro e à noite ajudava a sra. Weera. Quando seu pai estivesse melhor, leria para ele trechos de seus livros.

Homa sabia um pouco de inglês que havia aprendido na escola. Um dia, Parvana chegou em casa e ouviu-a conversando com seu pai. O inglês de Homa era hesitante, mas as palavras que seu pai dizia encaixavam-se com fluência umas nas outras.

—Você trouxe hoj e para a nossa casa outra meni na bem- educada?— o pai lhe perguntou, sorrindo.

—Não, pai, só trouxe cebolas.

Por alguma razão, todo mundo achou engraçado, e pela primeira vez desde que seu pai havia sido preso ouviam-se risadas naquela casa. Ao menos um problema tinha sido resolvido. Ele estava em casa outra vez. Talvez o resto da família também voltasse.

Parvana encheu-se de esperança. No mercado, corria atrás dos fregueses como qualquer menino. A sra. Weera lembrou-se de um remédio para o pai, e Parvana trabalhou duro até ter dinheiro para comprá-lo. Estava ajudando.

— Sinto que agora tenho uma razão para trabalhar — ela disse um dia a Shauzia, enquanto andavam com seus tabuleiros pelo mercado. *— Estou trabalhando para ter minha família de volta.*

—*Eu também estou trabalhando para alguma coisa — disse Shauzia. — Para sair do Afeganistão.*

—*Você não vai sentir saudade da sua família?* Parvana perguntou.

—*Meu avô está procurando um marido para mim. Ouvi ele conversar sobre isso com a minha avó. Disse que eu preciso me casar logo e que, por aí não ser nova, vão pagar um bom preço por mim como noiva, e eles terão bastante dinheiro para viver.*

—*Sua mãe não vai impedir - los?*

—*O que ela pode fazer? Ela não tem onde morar nem para onde ir — Shauzia parou e olhou para Parvana — Eu não vou me casar. Eu não quero me casar.*

—*E como sua mãe vai fazer sem você? Como ela vai comer?*

—*O que eu posso fazer? — a pergunta era quase um gemido. — Se eu ficar aqui, minha vida acaba. Se eu for embora, talvez eu ao menos tenha uma chance. Tem que haver algum lugar no mundo onde eu possa viver. Estou errada de pensar assim? — Ela enxugou as lágrimas. — O que mais eu posso fazer?*

Parvana não soube o que dizer.

Um dia a sra. Weera recebeu uma visita, uma senhora do grupo de mulheres que chegara de Mazar. Parvana estava trabalhando, mas o pai lhe contou tudo quando ela chegou.

—*Minha gente fugiu de Mazar — disse. — Estão em acampamentos de refugiados nos arredores da cidade.*

—*E lá que a mamãe está?*

—*É possível. Só saberemos se formos, até lá procurar.*

—*Como podemos fazer isso? Você já está em condições de viajar?*

—*Eu nunca vou me recuperar, mas acho que devemos ir mesmo assim.*

—*E quando partiremos? — quis saber Parvana.*

—*Assim que eu conseguir transporte. Você poderá levar uma mensagem para aqueles homens que me trouxeram para casa? Com a ajuda deles talvez possamos partir em duas semanas.*

Fazia tempo que Parvana queria fazer uma pergunta a seu pai:

—Por que os tali bãs o soltaram?

— Se não sei nem por que me prenderam, como vou saber por que eles me soltaram?

Parvana tinha que se contentar com essa resposta.

Mais uma vez sua vida estava prestes a mudar. Era surpreendente como conseguia estar tão calma. Talvez porque seu pai estava de volta.

—Nós vamos encontrá- los — ela disse com convicção. —Vamos encontrá- los e trazê- los para casa.

A sra. Weera estava se preparando para ir ao Paquistão.

—Homa vi rá comi go. Consegui remos um trabalho para ela por lá— ela assegurou.

Elas se encontrariam com o grupo de mulheres que ajudava as exiladas afegãs.

—Onde a senhora vai ficar?

— Eu tenho uma prima num desses acampamentos — explicou a sra. Weera. —Ela quer que eu vá morar com ela.

—Lá tem escola? —Se não ti ver, faremos uma. A vi da no Paqui stão é mui to di f erente para os af egãos. Há mui to trabalho a ser f ei to.

Então Parvana teve uma ideia.

— Leve Shauzia com a senhora!

—Shauzi a?

—Shauzi a tem uma famí li a aqui . Você quer di zer que ela dei xará tudo para trás? Vai abandonar o ti me porque o j ogo está di f í ci l?

Parvana não disse nada. De certa forma, a sra. Weera estava certa. Era isso o que Shauzia estava fazendo. Mas Shauzia também estava certa. Não teria o direito de buscar uma vida melhor? Parvana não podia julgar quem tinha mais razão.

Dias antes de partir para Mazar, Parvana estava sentada no cobertor no mercado quando algo caiu na sua cabeça. Era um pequenino camelo feito de miçangas. A Mulher da Janela ainda estava viva!

E estava bem, ao menos o suficiente para mostrar a Parvana que continuava lá. Parvana ficou tão feliz que queria sair pulando e dançando. Tinha vontade de gritar e acenar para a janela pintada. Em vez disso, continuou sentada em silêncio, pensando em como iria se despedir.

Já estava quase chegando em casa quando teve uma ideia.

Quando voltou para o mercado após o almoço, com muito cuidado colheu algumas flores silvestres que cresciam em meio às ruínas. Já tinha visto essas flores em outros anos, e esperava que fossem daquelas que florescem anualmente. Se plantasse as flores onde costumava estender o cobertor, a Mulher da Janela saberia que ela não voltaria. Mas teria uma coisa bonita para olhar. Podia ser um bom presente. Em seu ponto no mercado, Parvana cavou a terra seca primeiro com os pés. Usou também as mãos, além de uma pedra que encontrou.

As pessoas se juntaram para assistir ao que ela fazia. Qualquer coisa diferente era um divertimento.

—Essas flores nunca irão crescer nesse chão duro — comentou alguém. — Nessa terra não brota nada.

— E mesmo que brote, as pessoas vão pisar nelas.

—O mercado não é lugar para flores. Por que as está plantando aí?

No meio dessas vozes, uma sobressaiu:

— *Ninguém aqui aprecia a natureza? Esse menino está trazendo um pouco de beleza a este mercado triste, e é assim que vocês lhe agradecem? É assim que vocês o ajudam?*

Um velho abriu passagem entre as pessoas. Com dificuldade, ajoelhou-se para ajudar Parvana a plantar.

— *Nós, os afegãos, amamos as coisas bonitas, mas vimos tanta feiúra que até nos esquecemos de como é bela uma flor.*



- Um pouco
de beleza.

Ele pediu a um dos meninos do chá que trouxesse um pouco de água e em seguida jogou em volta das flores, molhando a terra ao redor.

As plantas tinham murchado. Não ficavam em pé.

—*Elas estão mortas?* — Parvana perguntou.

— *Não, mortas não. Pode parecer que estejam morrendo, mas as raízes estão boas. Na hora certa, essas raízes darão plantas saudáveis e fortes.* Ele terminou de socar a terra e foi ajudado a se levantar. O velho sorriu para Parvana e foi embora.

Parvana ficou ao lado das flores até as pessoas se dispersarem. Quando não havia mais ninguém, olhou para a janela e acenou rapidamente. Ela não tinha certeza, mas acreditou ter visto alguém acenando de volta.

Dois dias depois, estavam prontos para partir. Viajariam num caminhão, como a família tinha feito.

—*Estou viajando como seu filho ou sua filha?* — Parvana perguntou ao pai.

—*Você é quem sabe* — ele respondeu. —*Seja como for, você será minha pequena Milali.*

— *Veja o que tenho aqui!* — disse a sra. Weera.

Ela se certificou de que não havia ninguém por perto e tirou uns exemplares da revista de dentro da burca.

— *Não ficou li nda?*

Parvana folheou-a rapidamente e logo a escondeu.

— *Está maravi lhosa!*

— *Di ga à sua mãe que vamos mandá- la para mulheres do mundo todo, para mostrar o que está acontecendo no Af egani stão. Não se esqueça de di zer isso a ela. O que ela fez foi muito importante. E diga que precisamos dela aqui , para o próxi mo número.*

— *Eu digo.*

Parvana abraçou a sra. Weera. Tanto ela quanto Homa estavam usando burcas, mas dava para reconhecer cada abraço.

Era hora de partir. Então, no último momento Shauzia apareceu.

— *Você vei o!* — Parvana abraçou a amiga.

— *Adeus, Parvana.*

Shauzia deu a ela um saco de damascos secos.

— *Eu também vou embora logo. Vou me j untar a um grupo de nômade s que vai me levar para o Paqui stão como pastora. Eu não vou esperar a próxi ma pri mavera. M e senti ri a sozi nha demai s aqui sem você.*

Parvana não queria dizer adeus.

—Quando nos veremos novamente? Como vamos manter contato?

—Já pensei em tudo — Shauzia disse. — Nós podemos marcar nosso reencontro no primeiro dia da primavera, daqui a vinte anos.

—Está bem. Onde?

—No alto da Torre Eiffel em Paris. Eu disse que iria para a França.

Parvana riu.

—Estarei lá! — prometeu. — Não vamos dizer adeus, então. Apenas até logo.

—Até logo — Shauzia retribuiu.

Parvana abraçou a amiga mais uma vez e subiu no caminhão. Elas ficaram acenando uma para a outra enquanto o caminhão se distanciava.

“Daqui a vinte anos”, Parvana pensou. O que iria acontecer ao longo desse tempo todo? Será que ainda estaria no Afeganistão? O seu país finalmente teria paz? Iria para a escola teria um emprego, estaria casada?

Um futuro desconhecido estendia-se à sua frente. Sua mãe estaria em algum lugar com seus irmãos, mas o que mais eles encontrariam ninguém saberia dizer. O que quer que fosse, Parvana estava pronta para enfrentar.

Ela se ajeitou no caminhão ao lado do pai e pôs um damasco na boca, sentindo a doçura na língua. Pelo pára-brisa empoeirado via o monte Parvana com o cume coberto de neve, brilhando ao sol.



Nota da Autora

Deborah Ellis

O Afeganistão é um pequeno país da Ásia central. Sua paisagem inclui a cordilheira do Híndo Kush, muitas cachoeiras e desertos dourados. Seus vales férteis produzem grande fartura de frutos, trigo e hortaliças. Ao longo da história o Afeganistão foi considerado por conquistadores e exploradores o portão do Extremo Oriente.

O país está em guerra desde 1978, quando combatentes apoiadores norte-americanos lutaram contra o governo patrocinado pelos soviéticos. Em 1980, a extinta União Soviética invadiu o Afeganistão e houve uma escalada da guerra. Ambos os lados continuaram a bombardear e matar, porém com armas mais modernas.

Após a retirada dos soviéticos em 1989, ocorreu uma guerra civil entre vários grupos locais que disputavam o controle do país.

Milhões de afegãos fugiram do país e se tornaram refugiados. Muitos vivem até hoje em imensos acampamentos no Paquistão e no Irã. Muita gente passou a vida inteira nesses acampamentos. Outros milhões foram mortos, ficaram aleijados ou cegos.

Vinte anos de guerra também destruíram estradas, pontes e sistemas de abastecimento de água. Poucas pessoas no Afeganistão tem água limpa para beber. E os exércitos encheram de minas terrestres os campos de plantio, tornando impossível cultivar alimentos. Em consequência, muita gente morre de fome. Ou de doenças causadas pela desnutrição.

A milícia talibã, um exército afegão, tomou o poder e passou a controlar Cabul, a capital do país, em setembro de 1996. Impôs leis extremamente restritivas para as meninas e as mulheres. As escolas femininas foram fechadas, as mulheres foram impedidas de ter empregos. Códigos muito severos, em relação ao vestuário, passaram a ser obrigatórios. Queimaram-se livros, destruíram-se aparelhos de televisão, e toda e qualquer forma de música foi proibida. No outono de 2001, os talibãs foram derrubados do poder na maior parte do Afeganistão. Mas o futuro das meninas e mulheres afegãs continua incerto.

Título original: The Breadwinner

Título da edição brasileira: A outra face - A história de uma garota Afegã

Copyright 2000 by Deborah Ellis

Projeto Editorial: **A criação de uma nova experiência literária entre o meio físico e o digital.**

Este trabalho foi inteiramente produzido em ambiente acadêmico, tendo como objetivo ser um exercício didático e de Conclusão de Curso, deste modo seu intuito não é voltado à comercialização.

Autora **Deborah Ellis**

Designer Editorial **Anaisa Santos Ferreira**

Orientadora **Cristiane Alcântara**

Ilustrador **Sérgio Perini**